

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Isabella de Sousa Gonçalves

Do Golpe ao AI-5:

A cobertura do *The New York Times* sobre a Ditadura Militar no Brasil

Juiz de Fora
Novembro de 2017

Isabella de Sousa Gonçalves

Do Golpe ao AI-5:

A cobertura do *The New York Times* sobre a Ditadura Militar no Brasil

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador(a): Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora
Novembro de 2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Isabella de Sousa.

Do Golpe ao AI-5 : A cobertura do The New York Times sobre a Ditadura Militar no Brasil / Isabella de Sousa Gonçalves. -- 2017.
95 p.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2017.

1. Ditadura Militar. 2. The New York Times. 3. História da Mídia.
4. Jornalismo. I. Thomé, Cláudia de Albuquerque, orient. II. Título.

Isabella de Sousa Gonçalves

Do Golpe ao AI-5:

A cobertura do *The New York Times* sobre a Ditadura Militar no Brasil

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF) - orientadora

Profa. Dra. Christina Ferraz Musse (FACOM/UFJF) - convidado(a)

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (FACOM/UFF) – convidado(a)

Conceito obtido: (x) aprovado(a) () reprovado(a).

Observação da banca: _____

_____.

Juiz de Fora, 01 de Dezembro de 2017.

Aos meus pais, que sempre incentivaram a minha vida acadêmica.
Obrigada por me darem livros de presente.

AGRADECIMENTOS

À Cláudia Thomé, grande professora e orientadora, que em nossos encontros conseguiu transmitir a calma necessária para a finalização desse estudo, além de ter me orientado de forma brilhante, com muito cuidado e paciência. Muito obrigada por ter me acolhido como orientanda, mesmo sem termos tido muito contato anterior.

À Christina Musse, professora que me introduziu à pesquisa de jornalismo, através do Unibairros, e me fez apaixonar por essa incessante arte de ler e escrever, que só a pesquisa detém.

Ao Francisco Pimenta, orientador do PET Facom, que sempre transmitiu aos seus orientandos a realidade do mundo acadêmico, estando disponível a nos ajudar e orientar em qualquer ocasião.

Ao professor Paulo Roberto Figueira Leal, pelas sugestões de bibliografia para um dos tópicos dessa monografia, que traça a relação dos Estados Unidos com a ditadura militar no Brasil.

Ao professor Marco Aurélio Reis, que me deu dicas valiosas sobre a história da ditadura militar.

À minha mãe, que leu todos os capítulos e fez o que só as mães fazem: levantar a autoestima dos filhos, através de elogios muitas vezes irreais. Muito obrigada pela paciência e amor incondicional.

Ao meu pai, pela dose de realidade constante na condução de minha vida e por ter me incentivado a ingressar no mundo acadêmico. Muito obrigada pelos conselhos e suporte em todos os momentos.

Aos amigos do PET Facom, que sempre estiveram disponíveis a ouvir às minhas doses de ansiedade em forma de palavras.

Aos queridos do grupo Comunicação, Cidade e Memória, do qual fiz parte desde os momentos iniciais da minha iniciação científica.

Aos queridos do grupo Mídia e Literatura, que sempre trazem reflexões interessantes e detém uma energia contagiante.

RESUMO

A presente monografia se propõe a analisar a cobertura da ditadura militar brasileira, realizada pelo jornal norte-americano *The New York Times*, em 1964 e 1968. O objetivo é investigar qual foi o enquadramento utilizado e como se deu a construção do acontecimento, a partir da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2001). A escolha do objeto se justifica pela atuação estadunidense no início da ditadura militar brasileira, além de o jornal ser um dos mais renomados do país atualmente, sendo uma referência na história do jornalismo norte-americano. Desde o momento de sua fundação, o *New York Times* (NYT) primou pela informação e condenou o sensacionalismo, realidade que mudou a perspectiva do jornalismo estadunidense, uma vez que o seu modelo passou a ser o padrão. Ao longo dessa pesquisa, foi possível constatar que mesmo os Estados Unidos tendo apoiado o golpe militar, o NYT denunciou a sua inconstitucionalidade, as prisões, a censura e o aumento do poder executivo, logo no início do período ditatorial, em abril de 1964. Nesse sentido, foi possível perceber, através desse estudo, que o periódico procurava noticiar os acontecimentos de uma forma que não necessariamente correspondia à narrativa do governo brasileiro.

Palavras-chave: Ditadura Militar. The New York Times. História da Mídia. Jornalismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arquivo do NYT	50
Figura 2 – Busca no arquivo do NYT	50
Figura 3 – Página de uma das edições do arquivo.....	51
Figura 4 – Uma das edições do arquivo	51
Figura 5 – Matéria encontrada no arquivo.....	52
Gráfico 1 – Número de matérias em 1964.....	57
Gráfico 2 – Número de matérias em 1968.....	58
Figura 6 – Imagem de um dos protestos	73
Figura 7 – Militares brasileiros.....	82
Figura 8 – Cavalaria brasileira.....	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo.....	55
Tabela 2 – Resultados da Análise de Conteúdo de 1964.....	69
Tabela 3 – Resultados da Análise de Conteúdo de 1968.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Artigo 1 - Brazil rally seeks to oppose Goulart - “Brasil se reúne em oposição à Goulart”	59
Quadro 2 – Artigo 2 - As revolt in Brazil focuses attention on Latin America - “Como a revolta no Brasil dá atenção á América Latina”	60
Quadro 3 – Artigo 3 - Thousands held in Brazil’s drive to root out reds - “Milhares presos no Brasil para acabar com os vermelhos”	61
Quadro 4 – Artigo 4 - Executivo lauds revolt in Brazil - “Executivo elogia revolta no Brasil”	62
Quadro 5 – Artigo 5 - Anti-Red Law Asked By Military in Brazil - “Lei Anti-Vermelhos é demandada pelos militares no Brasil”	62
Quadro 6 – Artigo 6 - Censorship disturbs U.S - “Censura irrita aos Estados Unidos” ..	62
Quadro 7 – Artigo 7 - Gen. Castelo Branco Named Brazil Chief – “General Castelo Branco é nomeado como presidente”	63
Quadro 8 – Artigo 8 - The world - “O mundo”	64
Quadro 9 – Artigo 9 - The Brazilian Crackdown - “A repressão brasileira”	65
Quadro 10 – Artigo 10 - Brazil plays a key role” – “Brasil tem um papel importante” ..	66
Quadro 11 – Artigo 11 - Brazil’s changing order – “Brasil está mudando a ordem”	67
Quadro 12 – Artigo 12 - Rate of inflation slows in Brazil - “Inflação reduz no Brasil” ..	67
Quadro 13 – Artigo 13 - Brazilian Leader Hails Gains of a Year in Office - “Líder brasileiro fala das conquistas do último ano no poder”	69
Quadro 14 – Artigo 14 - Sao Paulo Governor Injured in AntiGovernment Outbreak – “Governador de São Paulo é ferido em protesto”	70
Quadro 15 – Artigo 15 - 3 dead in Brazil in Student Riots - “3 mortos no Brasil em manifestação estudantil”	71

Quadro 16 – Artigo 16 - 10.000 Marchers in Rio Demand End of Regime – “10.000 marcham no Rio e demandam por fim do Regime”.....	71
Quadro 17 – Artigo 17 - Brazil’s Students Kick Up a Storm – “Estudantes brasileiros aumentam a tempestade”.....	73
Quadro 18 – Artigo 18 - Ex-President of Brazil Detained 2 Hours by Police – “Ex presidente do Brasil é detido por 2 horas pela polícia”.....	74
Quadro 19 – Artigo 19 - Tyranny in Brazil – “Tirania no Brasil”.....	75
Quadro 20 – Artigo 20 - Letter to Pope Says Church Harbors Pro-Communists - “Carta ao Papa diz que igreja apoia pró-comunistas”.....	76
Quadro 21 – Artigo 21 - Students Rampage on Main Rio Avenue – “Manifestação estudantil na avenida principal”.....	76
Quadro 22 – Artigo 22 - The ‘Gorillas’ Are on the March – “Os Gorilas marcham”...	77
Quadro 23 – Artigo 23 - Arrests in Brazil in political crisis put in hundreds - “Centenas de prisões acontecem no Brasil em momento de crise política”.....	78
Quadro 24 – Artigo 24 - Retreat in Brazil – “Retrocesso no Brasil”.....	79
Quadro 25 – Artigo 25 - Hopes Rise in Washington - “Esperança cresce em Washington”.....	80
Quadro 26 – Artigo 26 - Brazil to seize illicit holdings – “Brasil interdita propriedades ilegais”.....	80
Quadro 27 –Artigo 27 - Brazil’s Generals Put an End to the Criticism - Gerais brasileiros põe fim às críticas.....	81
Quadro 28 – Artigo 28 - The Latin Military: A Dilemma for Washington – “O militarismo latino: um dilema para Washington”.....	83
Quadro 29 – Artigo 29 - In Latin America, Militarism Remains Order of the Day – “Na América Latina, o militarismo permanece como rotina”.....	84
Quadro 30 – Artigo 30 - Where the Politics Are Festive, but the Reality is Grim – “Onde a política é festiva, mas a realidade é cinza”	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O GOLPE MILITAR NO BRASIL	17
2.1 OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A DITADURA MILITAR NO BRASIL....	17
2.2 O GOLPE MILITAR, CIVIL E MUDIÁTICO	22
2.3 REPRESSÃO, CENSURA E SILENCIAMENTO.....	26
3 A NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO	31
3.1O JORNALISMO - NARRATIVA E REPRESENTAÇÃO.....	31
3.2 SELEÇÕES – MEMÓRIA E A HISTÓRIA	33
3.3 O MITO DA OBJETIVIDADE NO JORNALISMO.....	36
4 O JORNALISMO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	41
4.1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NORTE-AMERICANA.....	41
4.2 O MODELO NORTE-AMERICANO	44
4.3 O NEW YORK TIMES.....	46
5 A ANÁLISE DO NEW YORK TIMES	49
5.1 O ARQUIVO DO NEW YORK TIMES.....	49
5.2 PROPOSTA DE ANÁLISE	52
5.3 PALAVRAS-CHAVE E CORRESPONDÊNCIAS.....	56
5.4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DE 1964	59
5.4.1 Resultados da Análise de Conteúdo de 1964.....	68
5.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO DE 1968	69
5.5.1 Resultados da Análise de Conteúdo de 1968.....	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

Ao discorrer sobre a história da imprensa norte-americana, Schudson (2010) afirma que a objetividade, um dos principais pilares do jornalismo, não assumia grande importância até 1830. No decorrer desses anos, as notícias tinham um caráter partidário e parcial, realidade que mudou a partir da organização *Associated Press*, a primeira agência de notícias dos Estados Unidos, que passou a adotar uma cobertura mais equilibrada em suas matérias.

Mesmo com o surgimento da *Associated Press*, a objetividade não foi discutida, no contexto jornalístico, até 1920, momento em que o fim da I Guerra Mundial colocou em xeque a democracia e o jornalismo. A partir desse momento, a subjetividade passou a ser mais discutida e, em 1960, o critério da objetividade se tornou um valor essencial ao jornalismo, ao mesmo tempo em que havia uma contestação ao sensacionalismo (SCHUDSON, 2010).

Apesar de o jornalismo ter travado uma luta contra a subjetividade ao longo de sua história, Traquina (2010) defende ser inegável que ele tenha uma característica condicionada. Isso pode ser afirmado, uma vez que os jornalistas atuam como construtores das notícias e, por consequência, da realidade. Nesse sentido, é necessário entender as notícias como uma “construção”, sendo ela um resultado de diversas interações sociais.

Nesse processo de construção da notícia, existe uma seleção, que obedece a critérios como: valores-notícia, linha editorial e público alvo. Nesse processo, há uma escolha de fontes, do enquadramento da notícia¹ e, além disso, existe a subjetividade da linguagem e do olhar. Partindo dessa realidade, Barbosa (2004) afirma que o jornalista constitui o acontecimento e o transforma, escolhendo a forma da narrativa e, nesse processo, cria uma memória da atualidade.

Nesse contexto, autores como Halbwachs (1990) e Pollack (1992) são essenciais para o entendimento do conceito de memória. Pollack delimita o conceito de memória construída, que é formada a partir de uma organização, porque o indivíduo, ao mesmo tempo em que inclui, também exclui as próprias lembranças, fazendo uma espécie de seleção. Halbwachs, por outro lado, contrasta o conceito de memória individual com o da coletiva.

¹ O enquadramento noticioso ou o *framing* é uma teoria da comunicação que considera os mecanismos de escolha de uma notícia, ou seja, a seleção das fontes, expressões, adjetivos, além da ênfase dada. De acordo com essa teoria, o enquadramento é responsável por alterar o acontecimento, uma vez que ele consegue dar voz ou silenciar determinadas abordagens.

De acordo com o autor, a primeira só existe a partir da outra, uma vez que todas as reflexões individuais são inspiradas pelo grupo. Segundo Musse, Henriques e Thomé (2015), os registros da memória coletiva foram, cada vez mais, eternizados por jornalistas, historiadores e outros investigadores.

Partindo dessas reflexões, é possível traçar uma relação entre a memória e os meios de comunicação. Nesse processo de construção e seleção da memória, tanto individual quanto coletiva, os jornalistas são agentes importantes, já que grande parte da memória coletiva é moldada a partir dos veículos de massa. Para Musse (2006), a imprensa atua como um estímulo às transformações da sociedade, por ser capaz de visualizar e antecipar tendências que poderão se tornar realidades. Nesse sentido, entender a história do jornalismo é fundamental para também compreender os fenômenos da sociedade e, conseqüentemente, a sua história.

Dessa forma, a partir das teorizações sobre o jornalismo e a memória, visa-se, com esta monografia, compreender como se deu a cobertura jornalística sobre a ditadura militar brasileira, realizada pelo *The New York Times* (NYT), em 1964 e em 1968. A escolha desse veículo se justifica para a pesquisa, porque, a partir de 1896, o NYT estabeleceu o padrão de imprensa estadunidense, por primar a “informação” (SCHUDSON, 2010). Nessa perspectiva, o jornal passou a ser reconhecido pela sua excelência editorial, já tendo sido contemplado com 122 prêmios Pulitzer.

Para a análise do *New York Times*, utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2001). Em função da história do golpe militar e da própria relação entre Estados Unidos e Brasil, a hipótese inicial desse trabalho era a de que o jornal norte-americano se posicionaria, ao longo de sua cobertura, favorável ao golpe, em especial em 1964, ano de início do regime militar. Entretanto, para a surpresa da pesquisa, essa hipótese não se confirmou, já que o NYT, desde o início de sua cobertura, denunciou a censura e a repressão militar. Nessa perspectiva, o posicionamento do jornal não necessariamente foi ao encontro do adotado pelos governos estadunidense e brasileiro.

Ao longo dessa monografia, serão discutidos temas relevantes para o entendimento de como se deu essa cobertura. No segundo capítulo, por exemplo, será contextualizado o golpe militar no Brasil, perpassando pela relação histórica dos Estados Unidos com a América Latina. Posteriormente, será discorrido sobre o golpe enquanto um fenômeno militar, civil e midiático. Por fim, será demonstrado o mecanismo de repressão,

censura e silenciamento, adotado durante a ditadura militar, com maior ênfase a partir do AI-5, estabelecido em dezembro de 1968.

No terceiro capítulo, será discorrido sobre a notícia enquanto construção, refletindo sobre as formas de representação e narrativas exercidas pelo jornalismo. Além disso, também será estabelecida a relação entre o jornalismo, a memória e a história, a partir das reflexões sobre o caráter oficializador das notícias. Posteriormente, será debatido sobre o mito da objetividade no jornalismo, considerando a evolução desse mito ao longo da história da imprensa.

No quarto capítulo, haverá uma contextualização do jornalismo nos Estados Unidos, entendendo qual foi o percurso da imprensa norte-americana ao longo dos anos. Posteriormente, será discorrido sobre o modelo norte-americano, considerando os seus aspectos estilísticos que, mais tarde, viriam a influenciar o jornalismo de outros países, inclusive o Brasil. Será apresentado, em seguida, o objeto dessa pesquisa, o *New York Times*, a partir de sua história e de suas características.

Por fim, no quinto capítulo, será realizada a análise do jornal sobre a cobertura realizada acerca da ditadura militar no Brasil, com foco em 1964 e em 1968. Para tanto, foi utilizada a metodologia proposta por Bardin (2001), sendo criadas categorias e subcategorias para a sua análise. Foram analisadas 30 notícias, encontradas a partir dos termos chave *Brazil* e *dictatorship*.

É importante pontuar que a escolha do objeto reflete a própria realidade de uma época e a sua geopolítica, uma vez que os Estados Unidos atuaram de forma significativa nos golpes militares da América Latina. Segundo Gullar (2014), o início da ditadura militar brasileira envolveu fatores complexos, não estando limitado aos acontecimentos brasileiros, mas também aos internacionais. Além de atuar no golpe militar, a potência norte-americana sempre influenciou, de forma cultural e econômica, na configuração brasileira.

Esse trabalho se justifica pela importância da ditadura militar na história brasileira. Em 2018, serão comemorados os 50 anos de instituição do AI-5 no período ditatorial, momento que ficou marcado pela infração aos direitos humanos, a partir de uma política de censura e repressão. Dessa forma, estudar a cobertura sobre a ditadura militar é uma forma de também entender a consciência de uma época e resgatar a memória. Além disso, recentemente, com os trabalhos das Comissões da Verdade no território brasileiro, tem-se procurado resgatar mais da história desse período, iniciativa também contemplada

por essa pesquisa. Nessa perspectiva, essa monografia também é uma importante ferramenta nesse processo de reconstrução dessa memória que, por muito tempo, foi silenciada e, atualmente, tem procurado ser redescoberta.

Além disso, ter um jornal norte-americano como objeto de estudo é de interesse para o campo de comunicação, uma vez que o modelo estadunidense de jornalismo influenciou no brasileiro. Dessa forma, aprofundar-se em um jornal como o *New York Times*, com grande expressão internacional, é uma forma de também entender um pouco mais sobre a imprensa do Brasil. É importante salientar que existem poucas pesquisas brasileiras relacionadas ao jornalismo norte-americano, o que dá a essa monografia ainda mais relevância, ainda mais diante do recorte escolhido, já que não houve nenhum trabalho, além desse, que abordasse a cobertura do NYT sobre a ditadura militar no Brasil.

2 - O GOLPE MILITAR NO BRASIL

Neste capítulo, serão apresentados, de forma breve, momentos da história do golpe militar, civil e midiático no Brasil, perpassando por aspectos chave, tais como: a influência dos Estados Unidos na América Latina, desde a Segunda Guerra Mundial até a Guerra Fria, e como esse contexto influenciou no golpe de 1964; o contexto de repressão, censura e silenciamento, durante a ditadura militar; e, por fim, o golpe midiático.

Para tanto, serão utilizados os seguintes autores: Ayerbe (2002); Fico (2014); Gullar (2014); Zagni (2008); Svartman (2014), além de depoimentos gravados pela Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora e pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Fundação Getúlio Vargas), a partir da metodologia de história oral.

2.1 – OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E A DITADURA MILITAR NO BRASIL

A influência dos Estados Unidos na América Latina é antiga, sendo possível percebê-la em diversos momentos, como, por exemplo, na década de 1930, com o *american way of life*, momento em que a cultura norte-americana influenciou de forma significativa no Brasil, a partir, principalmente, das narrativas cinematográficas. Mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o papel do país norte-americano, dentro do contexto latino, se intensificou ainda mais. Esse controle estadunidense sobre o território brasileiro se evidenciava nas mais diversas perspectivas, estando relacionado com a imprensa, o rádio, o cinema, a educação e com as relações militares.

Segundo Zagni (2008), a influência dos Estados Unidos, em relação à mídia, acontecia a partir do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA). A intenção desse órgão era a de aproximar as relações entre Estados Unidos e América Latina, a partir da promoção de valores estadunidenses, reforçando o modo de vida do país, assim como tendências ideológicas, tais como os valores de liberdade e democracia. Nesse sentido, além da influência militar, o contexto de guerra também despertava um conflito de diferentes ideais e, na América Latina, a ofensiva estava sobre a opinião pública dos cidadãos do território latino americano.

Com uma guerra ideológica já em curso desde a conversão de sua política externa isolacionista para o intervencionismo, e para além da diplomacia e dos tratados de cooperação militar, a cultura constituía um novo *front*. Era preciso engajar-se nesta

frente, desenhando estratégias de mecanismos de defesa eficientes (ZAGNI, 2008, p. 72).

Ainda, de acordo com Zagni (2008), a partir do OCIAA, a potência norte-americana passou a atuar no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo, devendo a imprensa, o rádio e o cinema estar em consonância com as políticas dos Estados Unidos. A OCIAA também influenciou na educação, através das cartilhas escolares e do ensino obrigatório da língua inglesa. No rádio, havia a transmissão da guerra através da programação “A Voz da América”, momento no qual era comum a exaltação de valores norte-americanos. Já no cinema, havia a preocupação em transmitir imagens positivas sobre os EUA e, nessa perspectiva, eram promovidos valores e costumes do país, tais como expressões de língua inglesa, além de bens de consumo típicos, como os refrigerantes e os cigarros. Nesse contexto, os filmes de 1930 e 1940 faziam, em muitos casos, referências ao estilo de vida estadunidense, em especial ao da classe média.

Essa influência pode ser vista nas diretrizes, elaboradas pela *Coordinator of Inter-American Affairs* (CIAA) em 1943, destinadas à “Motion Picture Society For the Americas”, que incluía alguns estúdios, tais como o Paramount e o Metro-Goldwing-Mayer:

Talvez seja possível, sem qualquer dano à qualidade do entretenimento do filme, que seja inserida na história uma cena ocasional, ou música, personagem ou fala, em harmonia com o espírito da história, que tenha um efeito de contribuir para o programa. Se, por exemplo, um rapaz latino-americano, ou um nome latino-americano, pudesse ser incluído em, por exemplo, um grupo de soldados norte-americanos que lutam na guerra, ou uma indicação similar, seria proveitoso. Existem muitos rapazes como esses, de um número significativo de países latino-americanos, que agora servem nas Forças Armadas americanas, e dar ênfase às suas atividades certamente agradaria uma parte da audiência na América Latina. Esses incidentes pequenos, inseridos nos filmes americanos, podem servir para construir uma impressão favorável nas mentes daqueles que veem nossos filmes na América Latina² (Coordinator of Inter-American Affairs, apud ZAGNI, 2009, p.76-77, tradução nossa).

Além da atuação dos Estados Unidos sobre as diferentes mídias, foi a partir da 2ª Guerra Mundial que se iniciou o alinhamento militar entre Brasil e Estados Unidos. Segundo

² It might be possible, without any impairment of the entertainment quality of the films, to inject into the story an occasional scene, music, character, or line of dialogue, in thorough harmony with the spirit of the story, which will have its effect in contributing something to the over-all program.

If, for example, a Latin American boy, or one with a distinctively Latin American name, could be included in, say a group of American soldiers fighting in the war, such a indication would be helpful. There are many such boys, from a number of the Latin American countries, now serving in the American Armed Forces, and to throw some slight emphasis on their activities, would be certain to please, at least, a part of the audience in Latin America. These minor incidents, inserted in American films, should serve in building up an accumulated favorable impression in the minds of those who see our pictures in Latin America.

Svartman (2014), essa aproximação pode ser vista, mais explicitamente, em junho de 1939, quando George Marshall, chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA, visitou o Brasil e expôs a sua vontade por um acordo de cooperação militar. Nesse momento, havia o interesse de serem instaladas bases militares no Norte e Nordeste do país, com o intuito defensivo. Ademais, essa visita evidenciava a política da boa vizinhança, adotada por Washington, que procurava constituir alianças no continente.

Foi a partir dessa ocasião, que os militares latinos foram convidados a participar de escolas militares norte-americanas. Nesses programas de treinamento, oficiais eram treinados em solo estadunidense, juntamente com o exército dos Estados Unidos. Nessas oportunidades, acontecia também o turismo pelo país estrangeiro, ficando clara a intenção de Washington de cultivar a lealdade dos militares brasileiros. Essa realidade de treinamento, em solo estrangeiro, pode ser verificada a partir da fala do general Henrique Teixeira Lott, entrevistado para a pesquisa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas³.

Eu, por exemplo, era comandante da escola de Estado-Maior e fui mandado aos Estados Unidos para fazer um curso na Escola de Comando (Staff School), no Forte Leavenworth. E comigo foram uns 12 oficiais, entre ao quais Zeno Estillac Leal, Castelo Branco, Penha Brasil, Henrique Eduardo da Silva Moraes e Floriano de Lima Brayner. Além do curso, fizemos estágios em várias unidades americanas das várias armas, para ficar a par da maneira pela qual os americanos encaravam a guerra e tomar conhecimento do material que eles dispunham para essa guerra. Mas eu, por exemplo, assim como Castelo Branco, tinha uma instrução militar muito maior que a dos oficiais que me estavam ensinando na Escola Superior de Guerra, devido à ligação que mantivemos com a Missão Militar Francesa⁴ (LOTT, 1978, p.56).

Se no contexto da Segunda Guerra Mundial as relações entre Estados Unidos e Brasil foram estabelecidas de forma mais firme, foi a partir de 1945 que houve um estreitamento ainda maior. Nesse contexto histórico, o palco mundial foi dividido por dois protagonistas, sendo eles Estados Unidos e União Soviética, que disputavam a liderança no cenário internacional, na Guerra Fria.

Nesse momento, o conflito, antes evidenciado por armas, atingia características inéditas, já que o poderio das armas nucleares conferia à Guerra Fria um caráter diferenciado,

³ Entrevista completa disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista117.pdf>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

⁴ Entre 1919 e 1940, o modelo militar seguido pelo exército brasileiro foi o francês. Essa doutrina foi trazida para o Brasil com a Missão Militar Francesa, que foi liderada, no início, pelo general francês Maurice Gamelin. Mais tarde, a doutrina dominante passou a ser a norte-americana, devido à derrocada francesa na Segunda Guerra Mundial, frente à Alemanha.

pela possibilidade iminente da destruição do globo. Devido a isso, a batalha foi deslocada para pontos estratégicos do planeta, em uma situação de luta de poder. Dentro desse contexto, a União Soviética, líder do mundo socialista, e os Estados Unidos, líderes do mundo capitalista, combateram um a outro, a partir de estratégias de desenvolvimento, destinadas a países subdesenvolvidos. Diante disso, na luta ideológica, os comunistas eram aqueles que representavam os principais inimigos e, nesse sentido, havia uma preocupação grande em combatê-los, em especial na América Latina.

Esse posicionamento estadunidense pode ser visto, por exemplo, no discurso de inauguração das sessões do Congresso norte-americano, em janeiro de 1949, momento no qual o presidente Harry S. Truman listou quatro ações que considerava prioritárias na execução da sua política externa, sendo elas: a reconstrução da economia mundial, o apoio às Nações Unidas, a ajuda aos países em desenvolvimento e a luta contra o comunismo. Nesse momento, a luta contra o comunismo era evidenciada pelo senador McCarty, que personificava a ideia de caça às bruxas. Essa guerra ideológica se torna o argumento primordial para a divisão entre adversários e aliados dos Estados Unidos (AYERBE, 2002).

A preocupação da potência norte-americana, em relação à América Latina, se intensificou ainda mais quando Cuba se tornou uma república socialista⁵. A existência de um país, com os ideais soviéticos, a poucos quilômetros de sua costa, representava o perigo de outros países seguirem os mesmos passos. Pior ainda, era a ebulição de bandeiras de esquerda, representada pelas Farc na Colômbia e pelos Motoneros na Argentina, além de outras demandas populares preocupantes, como a reforma agrária no Brasil, demandada pelas Ligas Camponesas em Pernambuco. Mais inquietante ainda era a possibilidade de um país de tamanho continental, como o Brasil, na América Latina, se tornar socialista, fato que intensificou a influência norte-americana na política nacional (GULLAR, 2014).

Não é difícil imaginar a preocupação dos Estados Unidos diante da ebulição que se espalhara por todos os países da América Latina, onde a palavra de ordem mais frequente era “abaixo o imperialismo norte-americano”. Quando esse fenômeno penetrou também no Brasil, aquela preocupação se agravou. Se a pequenina Cuba, ao se tornar comunista, criara tamanha agitação e despertara o espírito antiamericano em todo o continente, imaginem o que não ocorreria se um país continental como o Brasil seguisse o mesmo caminho. Essa era uma hipótese simplesmente inaceitável para os dirigentes de Washington e, por isso mesmo, ninguém duvida das providências que tomaram para evitar semelhante desastre. Isso se tornou mais necessário e urgente

⁵ A Revolução Cubana aconteceu em 1959, entretanto, a influência da União Soviética se intensifica posteriormente, fato que passa a preocupar os norte-americanos.

depois que Jânio Quadros renunciou e João Goulart assumiu a presidência da República (GULLAR, 2014, p.2).

Diante desse contexto, Washington procurou ampliar a influência dos Estados Unidos sobre os militares dos países latino americanos, a partir da criação de escolas, com o objetivo de formar oficiais, na Colômbia, Panamá, Chile e Brasil, sendo que a situada em território nacional brasileiro era a Escola Superior de Guerra, que formou diversos oficiais, sendo que alguns deles foram participantes ativos do golpe de 1964. Outra dessas escolas, apelidada de “Escola dos Golpes”, foi a Escola do Caribe, que mais à frente foi denominada de Escola das Américas, tendo 33 mil militares estudado nela e, nesse sentido, foi de grande influência nas forças armadas da América Latina (GULLAR, 2014).

Ora, mas a atuação dos Estados Unidos, em relação ao Brasil, não se restringia apenas à implantação de escolas militares para oficiais superiores. Segundo Fico (2014), a potência norte-americana, sob a liderança do presidente John F. Kennedy, começou a se preocupar com a política interna brasileira ainda em 1962, ocasião de posse do, na época, vice-presidente João Goulart⁶. Anteriormente ao resultado, ainda no período de campanha, os Estados Unidos doaram 5 milhões de dólares aos adversários do Goulart para o uso em propaganda política. Já nessa época, havia um temor que se relacionava à eleição de Jango, sendo ele evidenciado na reunião entre o embaixador Lincoln Gordon, o secretário assistente de Estado para Assuntos Intramericanos, Richard Goodwin, e o presidente Kennedy.

Gordon – Creio que uma de nossas tarefas mais importantes consiste em fortalecer a estrutura militar. É preciso deixar claro, porém com discrição, que nós não somos necessariamente hostis a qualquer tipo de ação militar, contanto que fique claro o motivo...

Kennedy – Contra a esquerda.

Gordon – Ele (Goulart) está entregando o maldito país aos...

Kennedy – Aos comunistas

(...)

Goodwin – (...) Nós podemos muito bem querer que eles assumam o poder até o final do ano, se puderem (FICO, 2014, p. 75).

Esse diálogo estava dentro de um contexto maior, diante de uma operação militar denominada *Brother Sam*, nome que se relaciona ao personagem *Uncle Sam*, símbolo nacionalista dos Estados Unidos. O objetivo dessa operação, inicialmente, era o de

⁶ Na época, o sistema eleitoral permitia que fossem eleitos políticos para a presidência e vice-presidência de chapas distintas, havendo uma campanha eleitoral e votação para cada um dos cargos.

desestabilizar João Goulart. Entretanto, após a sua eleição, a situação política se agravou ainda mais, em especial em dezembro de 1963, ocasião protagonizada por greves, manifestações sociais e mobilizações de esquerda.

Toda a situação da política interna brasileira preocupava o presidente Kennedy que, nessa mesma época, apresentou um “plano de contingência”, com orientações sobre como o governo norte-americano deveria agir, caso houvesse algum desdobramento político que desagradasse aos interesses estadunidenses. Esse plano de contingência incluía a formação de um governo provisório, o controle militar temporário e a eleição de um novo presidente. Por último, também havia a possibilidade de apoio militar dos Estados Unidos, caso houvesse alguma intervenção soviética ou cubana. A operação *Brother Sam*, mesmo tendo sido negado por muito tempo pelos militares, contou com apoio de oficiais superiores brasileiros para o seu planejamento, sendo um deles o general José Pinheiro de Ulhoa Cintra (FICO, 2014).

2.2 – O GOLPE MILITAR, CIVIL E MUDIÁTICO

O golpe militar foi, na verdade, uma culminação de diversos fatores. As forças armadas, sozinhas, não teriam como retirar o poder de João Goulart, sem o apoio de uma série de outras instituições, além do suporte, conforme já demonstrado, dos próprios Estados Unidos da América.

Aliás, não foram poucos os que apoiaram o golpe: a imprensa, a Igreja Católica, amplos setores da classe média urbana. Instituições que, anos depois, se tornariam fortes opositoras do regime – como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) ou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) -, tiveram atitudes no mínimo dúbias naquele momento. Portanto, é preciso ter em mente que o golpe não foi uma iniciativa de militares desarvorados que decidiram, do nada, investir contra o regime constitucional e o presidente legítimo do Brasil. Houve apoio da sociedade (FICO, 2014, p. 5-6).

Diante desse contexto, é possível perceber que o golpe, nomeado como “militar”, foi, além disso, também civil e midiático. Sem o apoio da imprensa, por exemplo, não haveria legitimidade para a manobra política e, tampouco, sustentação durante tantos anos que se seguiram. Ao mesmo tempo, setores chave da sociedade civil, conforme foi pontuado por Fico (2014), foram primordiais para a sua execução.

Ora, mas antes de falar sobre o golpe, é preciso compreender os acontecimentos que antecederam ao primeiro de abril⁷ de 1964. Naquela época, o sistema eleitoral permitia que fosse possível eleger, separadamente, o presidente e o vice-presidente. Dessa forma, existiam campanhas eleitorais distintas, sendo permitida a posse de políticos opositores. Nas eleições de 1960, foram eleitos, respectivamente, Jânio Quadros, como presidente da República e João Goulart, como vice-presidente, sendo eles de chapas distintas. A eleição de Jânio Quadros representava uma ruptura ao governo getulista, que tinha tido continuidade durante muitos anos da história do Brasil, até a presidência anterior, de Juscelino Kubitschek.

Naquela época, Jânio Quadros era muito pressionado, tanto por forças internas, quanto por forças externas. Nesse sentido, o político, em 1962, aproveitou a oportunidade de João Goulart estar fora do Brasil, na China, para encenar uma renúncia, na esperança de causar um clamor nacional, de forma que voltasse como herói e conseguisse fechar o Congresso e governar sozinho o país, com o apoio de militares antigetulistas.

Jânio Quadros renunciou pressionado pelas “forças ocultas” do seu cérebro paranoico, fantasioso e golpista. Pretendia voltar nos braços do povo para governar sem o Congresso Nacional, que atrapalhava com suas considerações democráticas e sua incapacidade de usar corretamente a mesóclise. Jânio Quadros era conhecido por seu português arcaico, no estilo “esforçar-nos-emos para...”, e pela sua demagogia pré-moderna. Fora eleito tendo como símbolo a vassoura. Pretendia varrer a corrupção do país, que, segundo a imprensa da época, era a maior de todos os tempos (SILVA, 2017, p.18-19).

Entretanto, ao contrário do que foi esperado, o Congresso aceitou prontamente a renúncia e legitimou a posse de Jango, o que preocupou aos militares ligados a Carlos Lacerda. Nesse sentido, os comandantes das Forças Armadas anunciaram que não aceitariam a volta de Jango ao Brasil e a sua posse como presidente da República (GULLAR, 2014).

Ora, a inquietação dos militares estava no fato de João Goulart estar relacionado, novamente, a Getúlio Vargas, algo que não os agradava. Como adendo, havia o fato de o político ser parente de Brizola, um dos ícones da esquerda do país naquela época. Entretanto, a justificativa da impopularidade de Jango, para os militares, não estava, em nada, relacionada ao fato de ele ser comunista, o que ele, de fato, não o era. João Goulart era, na realidade, um fazendeiro e representava os interesses dos sindicatos rurais. A preocupação dos militares

⁷ Ao estudar este período histórico, é possível detectar que há quem considere o dia 31 de março como o início do golpe. No entanto, Jango foi deposto em 1 de abril, como considerado oficialmente pela Câmara dos Deputados.

estava no fato de que o político não era previsível, o que não permitia o controle efetivo do presidente, por parte das forças armadas (FICO, 2014).

Mas, se Jango não era comunista, o que seria? Ele padecia de certa indefinição, titubeava não apenas em discursos e transparecia, algumas vezes, uma imagem vacilante, embora também fosse reconhecido como um habilidoso negociador. É uma das personalidades mais controvertidas da história do Brasil. Seus biógrafos oscilam entre classificá-lo como um covarde ou como um herói (FICO, 2014, p. 18).

Diante desse contexto, Jango utilizou como manobra o próprio manifesto dos militares, encontrando uma brecha no trecho que defendia que, se o político assumisse, o país seria mergulhado no caos, caso isso ocorresse em um “regime que atribui ampla autoridade de poder pessoal ao chefe da nação”. Nesse sentido, Goulart pensou na possibilidade de alterar o modelo político de presidencialismo para parlamentarismo, de forma que o regime fosse outro, permitindo a sua posse. Mais à frente, o modelo político seria novamente alterado para presidencialismo, a partir do apoio popular do Brasil. Diante dessa estratégia, o político pôde finalmente tomar posse e o fez, simbolicamente, no Dia da Independência, 7 de setembro de 1961 (FICO, 2014).

Conforme já foi mencionado, desde o início de seu mandato, a figura de Jango representava uma ameaça aos militares lacerdistas. Entretanto, naquele momento, o político tinha o apoio popular, sendo que apenas a “Tribuna da Imprensa” e “O Estado de S. Paulo” o repudiavam desde o princípio. Segundo Silva (2017), as Reformas de Base e o posicionamento de Jango, diante da Revolta dos Marinheiros, contribuíram para que outros jornais também deixassem de apoiá-lo, tais como “O Jornal”, “O Globo” e “O Jornal do Brasil”. Das reformas propostas, a mais preocupante era a possibilidade da Reforma Agrária, tendo a imprensa feito de tudo para impedir a sua efetivação. Além dela, Jango propunha uma série de outras, tais como: reforma bancária, fiscal, urbana, administrativa, universitária e política.

Naquela época, qualquer aproximação da esquerda e afastamento do conservadorismo eram considerados condenáveis. Nesse sentido, as ações de Goulart fizeram com que os jornais sinalizassem, em suas páginas, o perigo do comunismo, o que contribuiu para a legitimação do golpe.

Os jornais agitaram a bandeira do perigo vermelho como uma ameaça capaz de assustar a população e gerar um clima favorável à intervenção militar, organizada com

a ajuda de civis, entre os quais políticos e empresários ligados ao capital internacional, e apoio norte-americano(...) (SILVA, 2017, p.13).

É importante perceber, entretanto, que embora alguns jornais brasileiros tivessem mudado de posicionamento apenas posteriormente, o golpe midiático começou muito antes de 1964, com o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), que produzia conteúdo com o intuito de modificar a opinião pública e influenciar as eleições. Foram produzidos 15 programas de televisão para 3 canais distintos, sendo entrevistados personagens renomados nacionalmente, o que contribuía para dar um tom de verdade ao que era abordado. Ao todo, foram investidos 10 milhões de cruzeiros. Além da TV, o rádio foi largamente utilizado, com o objetivo de atingir as camadas mais populares.

O IPES era uma instituição de “estudos sociais”, tendo sido fundada por empresários importantes e sustentada pela elite brasileira. Além disso, contava com verbas dos Estados Unidos, que tiveram forte atuação na campanha eleitoral. O Instituto era tão significativo, que ocupava 13 salas de um prédio localizado na Avenida Central, no Rio de Janeiro. Além disso, foi responsável por editar, somente em 1963, 2,5 milhões de panfletos de cunho ideológico e 280 mil exemplares de livros de propaganda.

Além do IPES, a imprensa foi forte aliada do golpe militar, tendo sido a responsável por sustentar os discursos que o justificavam, conquistando o apoio da sociedade civil, tal como o de elites econômicas, empresários e de grande parte da classe média. O golpe midiático teve, como um dos principais protagonistas, o Correio da Manhã, que evidenciou a sua posição em suas editorias, publicadas nos dias 31 de março e 1 de abril de 1964. Além disso, o jornalista Márcio Moreira Alves escreveu, nas páginas do O Globo, a sua opinião de concordância em relação ao regime, demonstrando a necessidade de uma intervenção militar transitória e breve. Mais à frente, ele se tornaria um opositor aos militares, denunciando os crimes de tortura.

No dia do golpe, o Jornal do Brasil também confirmou o seu apoio, comemorando o fato de o país ter entrado, novamente, na legalidade, a partir da preservação da hierarquia e da disciplina dos militares. Por fim, o Estado de S. Paulo, o Estado de Minas, o Tribuna da Imprensa, o Correio da Manhã e o Correio Braziliense também sinalizaram apoio ao golpe, comemorando as ações das Forças Armadas e consagrando os militares como heróis (SILVA, 2017).

Valia tudo: mentira, calúnia, difamação, engajamento explícito e ideológico, deturpação aberta, manipulação escancarada e até brigar com os fatos, como fará O Estado de S. Paulo, conforme se verá mais adiante, com os números do comício de João Goulart, em 13 de março de 1964, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Os jornais comportaram-se como uma Bastilha inviolável. O presidente da República era visto como o representante dos “*sans-culottes*” decidido a derrubar o antigo regime. Grandes jornais e jornalistas, porém, amavam esse antigo regime e queriam preservá-lo (SILVA, 2017, p.27).

O apoio da imprensa se estenderia para os primeiros anos de regime militar e a posição do “Correio da Manhã” ilustra o que ocorreu com uma série de outros jornais, por só ter mudado o seu posicionamento com o Ato Institucional Número 5 (AI-5). Parte da grande imprensa criaria o discurso, mais à frente, de que a ditadura militar, em si, só começaria com o AI-5. Entretanto, alguns jornais ainda continuaram a apoiar os militares mesmo diante da ditadura escancarada, período no qual houve forte violação aos direitos humanos, com a tortura e a repressão. Dois desses jornais foram o “Jornal do Brasil”, que comemorou o progresso do Brasil em uma edição de 1973, e “O Globo”, que em 1984, já no período de redemocratização, ainda se posicionava favorável à “Revolução” (SILVA, 2017).

2.3 – REPRESSÃO, CENSURA E SILENCIAMENTO

Se o medo do comunismo foi o gatilho para a execução do golpe militar no Brasil, seria natural que esse temor continuasse, mesmo após a tomada do poder pelos militares. Segundo informações do Portal Memórias da Ditadura⁸, a partir do golpe de 1964, a Doutrina de Segurança Nacional, elaborada pelos Estados Unidos e implantada em outros países, passou a vigorar no Brasil. A sua lógica seguia inspiração durkheimiana⁹, de forte tendência positivista¹⁰, ou seja, o país era visto como um corpo humano, que deveria funcionar em harmonia e, nessa perspectiva, qualquer segmento divergente deveria ser eliminado.

Dessa forma, o Estado passou a ser militarizado, sendo ele controlado pelo Sistema Nacional de Informação (SNI), no qual o alvo era o inimigo interno, o subversivo, atuando o Exército como uma espécie de polícia anticomunista. Essa repressão acontecia desde os momentos iniciais da ditadura militar, mas passou a ser evidenciada a partir de 1967,

⁸ Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/repressao>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

⁹ De acordo com Durkheim, a sociedade deve funcionar como um organismo vivo, ou seja, biológico. Para o filósofo, assim como um organismo vivo, caso a sociedade funcione mal, ela entra em colapso.

¹⁰ O positivismo também é conhecido como darwinismo social ou organicismo. Esse modo de pensamento teve o seu ápice no século XIX e serviu como argumento para o controle da sociedade.

com a Lei da Segurança Nacional, promulgada por Castelo Branco, e escancarada em 1968, com o Ato Institucional Número 5 (AI-5), instituído pelo presidente Costa e Silva.

Ao estudar a ditadura militar no Brasil, é comum que os anos iniciais após o golpe sejam considerados, por muitos, como democráticos, sendo a fase inicial da ditadura brasileira descrita como “branda”. É interessante perceber, entretanto, que a repressão e o silenciamento aconteciam desde o início, em especial aos setores invisibilizados da sociedade, tais como militantes e sindicalistas.

Essa repressão fica evidenciada até mesmo na cobertura do *New York Times*, que será analisada mais à frente nessa monografia. Ainda em abril de 1964, mês em que o golpe foi instituído, o jornal norte-americano noticia a presença de militares nas redações dos jornais, a violação de correspondências destinadas ao exterior, a prisão de cerca de 7.000 militantes da esquerda e a ampliação dos poderes da junta militar no Brasil, chamada pelos ditadores de Comando Supremo da Revolução. Já nesse momento, o NYT demonstra a preocupação com os valores da liberdade e da democracia. Nessa perspectiva, fica evidente a existência de formas de repressão desde o momento inicial da ditadura militar no Brasil.

Em 1967, a repressão, que antes era velada, passou a mostrar as caras de forma menos disfarçada. A partir da Lei de Segurança Nacional, qualquer contestação política moderada, como uma opinião contrária ao regime ou um protesto, poderia ser entendida como uma forma de subversão. Nesse sentido, o crime político era considerado como aquele que fosse contrário ao país, de “lesa-pátria”. Para a Doutrina de Segurança Nacional, uma manifestação cultural servia como uma fase inicial à revolução comunista, ou seja, uma matéria jornalística poderia se configurar como uma forma de preparação para a tomada do Estado.

Ainda de acordo com o “Portal Memórias da Ditadura”, o Estado se apoiou sobre três pilares, sendo eles: repressão, censura e vigilância. A vigilância estava configurada dentro do Sistema Nacional de Informação, em uma lógica de espionagem, na qual havia a produção de informações sobre pessoas ou organizações que poderiam ser consideradas como subversivas, sendo que tais conhecimentos poderiam ser utilizados para prevenir acontecimentos ou para punição. A censura limitava a imprensa e as criações artísticas, com a intenção de cegar a população para o que acontecia na política nacional.

O último pilar era o da repressão, que se apoiava sobre a censura e a vigilância, e combatia diretamente as ameaças da sociedade civil, pelo sistema de Destacamento de

Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), que tinha o objetivo de combater quem eles consideravam inimigos internos, a chamada ameaça vermelha.

Em 1968, com o aumento das manifestações, sobretudo de estudantes e sindicalistas, e ações que eram vistas como ameaça aos militares, uma vez que parte da sociedade civil já não apoiava a ditadura militar, foi instituído em dezembro daquele ano o Ato Institucional número 5 (AI-5). O ato foi responsável por inaugurar o momento mais opressivo do regime, no qual a repressão atingiu um caráter escancarado, com a suspensão de direitos civis e a institucionalização de ações de repressão. Nesse momento, a censura passa a ser realidade diária nas redações dos jornais e emissoras de rádio e TV.

Segundo o depoimento do jornalista Ivanir Iazbeck (CMV-JF, 2014), colhido pela Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora, a censura só começa a ficar evidente, de fato, a partir de 1967, mas anteriormente havia um cuidado, por parte da imprensa, com o que era noticiado, já que havia o entendimento de que se tratava de um momento político delicado pelo qual o Brasil passava.

Mas quando começa a censura, aí a coisa começa a pegar. E eu tenho um exemplar que eu participo dele, eu participo dele de uma forma assim bastante efetiva, que foi o... eu... quer dizer, eu e uma dezena de outros profissionais na época... que foi a primeira grande censura, de censor sentar numa mesa, pegar as páginas impressas, impressas na oficina, não impressas na outra... mas impressas nas oficinas para que os editores passassem os olhos, verificassem e liberassem para que ela fosse embora. Então, os censores começam a receber essas páginas e, com um lápis vermelho, sem cerimônia nenhuma, cortar aqui e ali aquilo que não interessasse a eles. E aí é que vem uma edição histórica do Jornal do Brasil que vocês vão ver, vai ser exibido aí, espero... é onde se faz um... a substituição de todas essas matérias censuradas por outras... por outras matérias que não tinham nada a ver com nada e, portanto, despertam no leitor logo aquela certeza de que “esse daqui não é o Jornal do Brasil normal, este é um Jornal do Brasil atípico, portanto, alguma coisa aconteceu com ele. O que que pode ter acontecido? Naturalmente, a censura” (YAZBECK, 2014, p.7)¹¹.

Além disso, foi nesse momento da ditadura militar no Brasil que a tortura foi ampliada, afrontando os direitos humanos. Segundo o “Portal Memórias da Ditadura”, como a ética militar prevê o tratamento digno dos prisioneiros de guerra, muitos militares justificam as torturas, quase cinco décadas depois, utilizando os argumentos de que eram incidentes isolados e individuais. Entretanto, fica claro, pelo número de acontecidos, que embora as

¹¹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9MXI2UT8YPtZ0hsczY3UnZ0ZVv/view>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

Forças Armadas negligenciem a responsabilidade, essas ações faziam parte de um sistema de repressão. O “Portal Memórias da Ditadura” evidenciava o caráter sistemático da tortura: “Sendo um sistema, a tortura não é um ato isolado do torturador, uma decisão de porção, um excesso. Foi aprendida em cursos para militares e policiais selecionados, com a utilização de presos em aulas práticas” (MEMÓRIAS, 2014)¹². Na ditadura militar no Brasil, as técnicas utilizadas foram desenvolvidas por norte-americanos, franceses e nazistas, mas havia aquelas desenvolvidas em território nacional, como o “pau de arara”.

A tortura combinava três elementos, sendo eles a dor extrema, a humilhação e a violação da sanidade mental dos prisioneiros. Nesse sentido, era comum que os torturados não tivessem noção de tempo e espaço, sendo eles despídos e expostos sempre à mesma música no momento de tortura. Essa realidade também é evidenciada nos depoimentos gravados pela Comissão Municipal da Verdade de Juiz de Fora, conforme pode ser conferido na transcrição da fala do aposentado João Carlos Rei Horta, militante que foi preso em 1967, tendo sido alvo de tortura.

Chegando lá, tiraram a minha roupa, fiquei nu, abriram a porta da “geladeira”, chegando aqui, até lembrei, era menor que isso aqui, era um lugar todo preto, todo escuro, você ficava deitado, um mau cheiro danado, de fezes, de urina, porque os caras que ficavam lá faziam as necessidades ali mesmo, né. Aí eu fiquei lá. Pensei “O que que será que esses caras vão fazer comigo aqui?”. E eles te deixavam lá, ligavam um som lá e, de repente, aquilo ia aumentando e você tampava... mas não conseguia... Te azucrinava o ouvido. E chamava geladeira porque eles ligavam o ar frio, aquilo ia esfriando, esfriando... Você nu... Você tremia de frio ali. Daqui a pouco parava, ia esfriando, e vinha um calor desgraçado. Então, era um contraste violento (HORTA, 2014, p.7)¹³.

O sistema da tortura normalmente seguia uma divisão do trabalho, sendo os militares divididos em três equipes. A primeira era responsável por capturar o preso; a segunda executava a tortura e o interrogatório; e a terceira ficava a cargo de organizar as informações obtidas. Era comum que houvesse outros grupos de apoio, como psicólogos, médicos, guardas e escrivães da polícia. Nos primeiros interrogatórios, procurava-se obter informações básicas, como a localização de outros subversivos e de organizações. Após isso, era realizado um cruzamento de dados do que era obtido nos interrogatórios, sendo sistematizadas as informações para futuras apreensões. Havia casos em que presos eram

¹² Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/repressao>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

¹³ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9MXI2UT8YPtSEpWaVEyTEsza3M/view>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

soltos, com o objetivo de cooperar com as operações de espionagem. Nessa perspectiva, ficava evidente que, durante a ditadura militar, havia um sistema repressivo bem articulado, responsável pela manutenção do sistema de repressão no país durante todos esses anos de ditadura militar (MEMÓRIAS, 2014).

3. A NOTÍCIA COMO CONSTRUÇÃO

Este capítulo fará uma breve apresentação da trajetória do jornalismo, refletindo sobre a sua relação, ao longo do tempo, com a objetividade. Além disso, será discutido sobre o processo de construção da notícia, perpassando pela seleção do acontecimento, o enquadramento utilizado e a narrativa jornalística. Por último, o jornalismo será relacionado com a constituição histórica e, conseqüentemente, com a elaboração de uma memória coletiva. Para isso, será apresentada uma breve contextualização sobre a história do jornalismo, suas teorias e a memória, a partir de autores que discutem o tema.

Para tanto, serão utilizadas reflexões dos autores Barbosa (2004); Halbwachs (1990); Motta (2005); Ribeiro (2000); Pollak (1992); Sodré (2009); Schudson (2010); Traquina (1993) e (2010) e Tuchman (1993).

3.1 O JORNALISMO – NARRATIVA E REPRESENTAÇÃO

O processo de construção da notícia não é oriundo apenas da escrita do jornalista. É importante ressaltar que essa construção parte de diversas interações sociais, que levam em conta as estratégias comunicacionais. Para a produção da notícia, existe uma seleção do acontecimento, que obedece a critérios de valor-notícia, como *atualidade*, *proximidade*, *impacto*, *interesse público*, dentre outros. Nesse sentido, o acontecimento existe, mas aquele que será noticiado é selecionado a partir de convenções. Dessa forma, as notícias representam uma parcela dos acontecimentos mundanos, cabendo aos veículos selecionar o que é relevante e, conseqüentemente, o que será conhecido pelo público.

Nesse contexto, é possível afirmar que as notícias não surgem naturalmente dos acontecimentos, mas “as notícias *acontecem* na construção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993). Isso ocorre, porque a escolha do acontecimento e a sua forma de narrativa não são livres, acontecem a partir de convenções, e as notícias resultam de todo um processo de produção. O universo de acontecimentos é amplo, tudo pode ser noticiado, mas existem regras, responsáveis por configurar o que é notícia.

Na prática, os valores que sustentam a noticiabilidade de um fato – ou seja, a condição de possibilidade para que este venha a transformar-se em notícia – podem variar segundo o lugar do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio (SODRÉ, 2012, p. 21).

Depois de selecionados os acontecimentos, inicia-se o processo de construção da notícia, que também obedece a uma estrutura. Para a sua configuração, são respondidas às questões *quem, o quê, como, quando, onde e por quê*, assinaladas “pelo poeta Rudyard Kipling como sequência germinal de toda narrativa e estrutura constante da notícia moderna” (SODRÉ, 2012, p. 24).

Com os seus métodos para a produção da notícia, o jornalismo tem, em seu discurso, uma lógica pragmática e objetiva, demonstrada em sua ligação com a objetividade e com a sua função de informar. Entretanto, mesmo que tenha um critério informativo, é inegável que a notícia possa ser classificada como uma narrativa, embora por muito tempo o jornalismo tenha tentado negar essa relação.

Para Motta (2005), o estabelecimento da narrativa ocorre a partir da organização de estados de transformação, ou seja, a partir de uma sequência de continuidade, na qual são integradas ações do passado, presente e futuro. Esse relato é temporal e ele cria perspectivas para as ações e os estados em momentos históricos. Isso ocorre, porque a narrativa atua como uma tradutora do conhecimento mundano, seja ele objetivo ou subjetivo, interpretando as relações humanas, as identidades, a natureza, as crenças, mitos e valores. Nesse sentido, a narrativa ajuda a compreender o mundo, mesmo quando é ficcional.

Segundo a teoria literária, descrita por Motta (2005), existe uma oposição no que tange a narrativa, sendo ela a existência de duas técnicas: (i) o *showing*, técnica de representação dramática que apresenta uma sequência de cenas, revelando as situações e deixando o espectador compor a história; (ii) e o *telling*, na qual há um narrador, responsável por conectar eventos, apresentar interpretações e contar a história. No caso do jornalismo, há uma tendência para o *showing*, uma vez que existe uma ideia de distanciamento do jornalista, sendo que ele busca apenas apresentar os fatos e deixa a interpretação a cargo do leitor.

A notícia, ao relatar o acontecimento, sequencia os fatos. Mesmo em seu caráter informativo, ela se configura em forma de narrativa, dividindo-se em momentos de descrição e narração, com um caráter híbrido. Assim como na ficção, a sua organização não é aleatória,

por ser pensada e estruturada segundo objetivos. Nesse sentido, ela é responsável por produzir efeitos na sociedade.

Os discursos narrativos midiáticos se constroem através de estratégias comunicativas (atitudes organizadoras do discurso) e recorrem à operações e opções (modos) linguísticos e extralinguísticos para realizar certas intenções e objetivos. A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma forma ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2005, p.2)

Nesse sentido, como narrativas, as notícias são representações da realidade e são organizadas de acordo com pretensões, contribuindo para o exercício do poder e de hegemonia, nas diversas localidades do globo e nas mais distintas situações de comunicação. Partindo dessas reflexões, é razoável pensar que a mídia contribui para as mudanças na sociedade e, nessa perspectiva, na própria história. Dessa forma, no próximo item, será debatida a relação do jornalismo com a história, um pensamento importante para a delimitação do tema dessa pesquisa, uma vez que o objeto será utilizado para entender melhor um determinado momento histórico e vice-versa.

3.2 SELEÇÕES - MEMÓRIA E A HISTÓRIA

Ao resgatar memórias relacionadas a momentos históricos, por vezes, as lembranças se relacionam imediatamente com o que foi noticiado na televisão, rádio, internet ou jornal impresso. Pensar no 11 de Setembro¹⁴, por exemplo, é lembrar da imagem veiculada na televisão, que reproduzia as cenas de horror dos dois aviões colidindo contra os dois prédios monumentais. Para as gerações mais velhas, por exemplo, a maior parte das lembranças históricas está associada à televisão ou ao rádio. Ao se lembrar da vitória brasileira na Copa de 1958, a narrativa está toda concentrada nas ondas de rádio, que moldaram todo o acontecimento.

Entretanto, o surgimento da internet fez com que a configuração dessas memórias se desdobrasse em fragmentos. Alguns, ao se lembrarem de momentos históricos mais

¹⁴ Os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001 foram coordenados pela organização fundamentalista al-Qaeda, tendo como alvo os Estados Unidos. Nesse dia, foram atingidos o *World Trade Center* e o Pentágono, sede do departamento de defesa do país.

recentes, como os da manifestação de 2013, podem se prender a narrativas vinculadas às redes sociais, tais como o *Facebook* e o *Twitter*. Mesmo com a mudança trazida pela convergência midiática, a mídia ainda continua ocupando um papel central dentro da sociedade. A forma de consumo da informação pode se diferenciar, ao longo do tempo, mas é inegável que quando se tratam de memórias coletivas, a mídia atua fortemente em suas concepções.

Mas ora, o que é, então, memória coletiva? Ao refletir sobre a memória, ela pode parecer se tratar de um fenômeno estritamente individual, ou seja, algo próprio da pessoa e distanciado de momentos externos. Entretanto, para Halbwachs (1990), a memória deve ser percebida a partir de uma construção coletiva, que é moldada a partir das mudanças da sociedade e das vivências também de outros. Ou seja, os discursos de um podem influenciar na memória de outro, e assim por diante. Ao se lembrar de um acontecimento da infância, por exemplo, é mais provável que um indivíduo vá se recordar mais das narrativas contadas por seus pais e parentes mais velhos, do que do acontecimento em si, por não se lembrar, de fato, dos momentos, devido à idade. Entretanto, a memória construída pareceria tão verdadeira quanto a sua própria.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (HALBWACHS, 1990, p.26).

Ao refletir que a memória individual é composta, em parte, pela memória coletiva, é possível traçar uma relação dos meios de comunicação com a formulação dessas memórias. Ora, quando o indivíduo consome uma notícia, a sua concepção sobre aquele determinado momento é moldada por aquilo que viu na mídia. O povo brasileiro, por exemplo, tem memórias associadas à Operação Lava-Jato¹⁵, mesmo não tendo testemunhado aqueles fatos de perto. Nesse sentido, a mídia também atua como construtora de memória.

Ao discorrer sobre a memória coletiva e individual, o pesquisador Pollack (1992) reflete que as memórias são, além de tudo, construídas. Além dos acontecimentos vividos por cada indivíduo, as lembranças também são compostas por aqueles vivenciados por outros. Essa construção ocorre a partir de acontecimentos, personagens e lugares e esses três

¹⁵ A Operação Lava-Jato é coordenada pela Polícia Federal brasileira e procura apurar o esquema de lavagem de dinheiro no país.

elementos podem ser reais ou apenas projeções, realizadas por terceiros. Uma guerra, por exemplo, pode deixar marcas e lembranças até mesmo naqueles que não a vivenciaram. O Holocausto deixou traumas naqueles que estiveram presentes nos campos de concentração, mas também existem traumas deixados para os filhos, que nunca pisaram naqueles campos, mas que mesmo assim têm alguma lembrança do ocorrido, a partir de narrativas contadas e pelo imaginário construído.

Nesse sentido, a memória, além de ser dividida entre a coletiva e individual, também é construída e essa construção acontece a partir de uma seleção. Ao dormir, por exemplo, os fatos mais importantes de um dia serão lembrados, enquanto outros esquecidos. Isso configura um “verdadeiro trabalho de organização”, como afirma Pollack (1992).

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLACK, 1992, p.4-5).

Dessa forma, é impossível não estabelecer uma relação dos meios de comunicação com a construção dessas memórias, tanto coletivas, quanto individuais. Conforme já foi apresentado, diversas lembranças são fornecidas ao público, por meio de noticiários e, nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre a construção da notícia e a construção de memórias e, portanto, da realidade. É interessante perceber que a mídia também atua na composição desses fenômenos históricos, uma vez que ao noticiar o acontecimento, ela pode influenciar nas decisões individuais e, nesse sentido, motivar transformações sociais.

Nessa perspectiva, Barbosa (2004) compara os jornalistas com senhores de memória. Para ela, os jornalistas são responsáveis por “fazer memória”, no momento em que selecionam temas que serão lembrados e, nesse mesmo processo, esquecem de outros. É possível perceber que o jornalismo, assim como a memória, perpassa por um momento de seleção e, dessa forma, de organização.

Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade. Uma memória que obedece a critérios subjetivos e engendra a questão do poder (BARBOSA, 2004, p.4).

Além disso, a autora reflete sobre o caráter oficializador da escrita. Assim como os documentos, as notícias atuam como legitimadoras do acontecimento e, nesse sentido, passam a se configurar como verdades históricas. Para ela, a memória coletiva é moldada a partir do que é pensado pela maioria ou pelo que é imposto pelo Estado. Nesse sentido, a memória esquecida é contraposta com uma memória publicada e, a partir dessas reflexões, “estudar os mecanismos de oficialização da memória é, sobretudo, analisar a sua função e perceber como se deu essa organização coletiva dos acontecimentos e das interpretações que se quer preservar” (BARBOSA, 2004, p.6)

Partindo dessas reflexões, o presente trabalho pretende estudar o *The New York Times* e a sua cobertura sobre a ditadura brasileira, especificamente nos anos de 1964 e 1968. A monografia é importante para entender quais foram as narrativas externas, destinadas ao público estadunidense, para descrever os acontecimentos brasileiros, em um período histórico caracterizado pela censura e a repressão. Pensando que o jornalismo está intimamente relacionado com a construção da história, estudar as notícias produzidas por um jornal renomado ajudará a entender um pouco mais desse momento que ainda é muito obscuro na história brasileira e que, por esse motivo, merece ser investigado em profundidade.

3.3 O MITO DA OBJETIVIDADE NO JORNALISMO

Ao longo de sua história, ainda em solo europeu, a imprensa surge a partir da mudança de um Estado absoluto para um Estado de direito, atuando ela como “porta-voz dos direitos (civis) que inauguram a modernidade da cidadania” (SODRÉ, 2009, p.12). Nesse sentido, a imprensa, desde o seu início, carrega em si a ideologia da liberdade de expressão, construindo, ela mesma, em forma de narrativa sobre si, a ideia de uma instituição que se relaciona com a verdade, consolidando um compromisso com a sociedade.

Nessa perspectiva, a partir da instituição das liberdades individuais, com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no final do século XIX, a imprensa passou a se configurar sob a égide de um espírito objetivo moderno, sendo o jornalismo sensacionalista, ou a publicação de notícias falsas, condenável pela comunidade jornalística como um todo. Dessa forma, a imprensa, desde o final do século XIX, traz consigo o ideal de transparência, procurando defender os direitos da cidadania, seja no âmbito mundial ou regional. É interessante perceber, entretanto, que essas noções de transparência, verdade e objetividade, presentes até hoje, são consolidadas em forma de *discurso*. O jornalismo

conversa com o racionalismo moderno, que nega aspectos míticos e inverossímeis (SODRÉ, 2009).

Esse racionalismo – na verdade, bastante “ideológico” – não abre mão, entretanto, do que poderiam parecer, a iluministas desavisados, “resíduos” míticos. A antiga função integradora da narrativa continua presente na comunicação do acontecimento, em geral mesclando realidade histórica com imaginário coletivo, como se dava na oralidade narrativa clássica. É contra essas formas da linguagem que se levanta na Modernidade a clarificação da ideologia, com muita ênfase no discurso jornalístico. No entanto, o cerne da objetividade ideológica da notícia é constituído dos mesmos materiais expressivos de que se valia o narrador antigo para cimentar com palavras os laços comunitários (SODRÉ, 2009, p.15).

A relação do jornalismo com a objetividade, como ela é hoje, surge nos Estados Unidos, no século XX, época que traz em si uma noção de progresso, no modernismo, carregando um desejo pelo futuro, visualizado com a crescente industrialização. Essa contínua mecanização influencia não apenas as indústrias, mas também a imprensa, que começa a estruturar, com mais afinco, a sua realização técnica, dessa vez em solo americano. O modelo norte-americano se baseava nas técnicas da redação que são vistas até hoje, sendo elas: lead, pirâmide invertida, manuais e *copydesk*. Esse modelo, juntamente com o ideal da objetividade, passou a ser realidade do jornalismo como um todo, influenciando outros países, como o Brasil (RIBEIRO, 2000).

A modernidade procura o futuro e renega o clássico, desacreditando tudo o que é passado. Ao mesmo tempo, tem uma forte relação com a razão. Essa configuração do imaginário coletivo¹⁶ também influencia o jornalismo, que é relacionado a dois valores-chave: liberdade e objetividade, sendo que ambos têm uma relação de interdependência, uma vez que a liberdade do jornalismo, ou seja, a sua característica autônoma em relação às instituições, confere a ele a sua pressuposição de objetividade.

A objetividade, no jornalismo, é configurada por uma série de procedimentos, sendo eles buscados nas redações. Esses métodos dão às notícias a credibilidade necessária, uma vez que o jornalismo, por seguir métodos, adquire um caráter de cientificidade e, nesse sentido, ele constrói, em si mesmo, a partir dessas técnicas, a ideia de veracidade.

¹⁶ Existem diferentes conceituações sobre o imaginário coletivo. De acordo com Maffesoli (2001), o imaginário coletivo contém o estado de espírito que caracteriza um povo, que é constituído pela partilha de filosofias, ideias, visões, linguagens, culturas. Para ele, esse imaginário transita entre o racional e o não racional, sendo ele uma aura, uma atmosfera e, nesse sentido, trata-se de um fenômeno ambíguo, mas perceptível.

Segundo Tuchman (1993), quatro procedimentos podem ser identificados para configurar a objetividade jornalística, sendo eles: (a) a identificação dos “fatos” e a apresentação deles de forma objetiva, a partir de diferentes versões; (b) a apresentação de provas auxiliares; (c) o uso de citações, fazendo desaparecer a presença e a opinião do repórter, demonstrando apenas as colocações das fontes e simulando uma neutralidade; (d) a estruturação da informação, de forma a constituir uma sequência apropriada, a partir da configuração de pirâmide invertida.

Por definir os procedimentos para a apuração e a escrita das matérias, a promessa de objetividade traz legitimidade às notícias. Além disso, ela também atua no processo de organização das redações, que se configuram como empresas e, nesse sentido, há a necessidade de um comportamento padronizado, por parte dos jornalistas (TRAQUINA, 2010). Nessa perspectiva, ela também ajuda a moldar a postura desses profissionais. Dessa forma, é possível afirmar que a objetividade, além de contribuir para a construção mítica da relação entre jornalismo e verdade, também atua como uma forma de lidar com as necessidades complexas do jornalista e das organizações noticiosas.

É interessante notar, entretanto, que a característica da objetividade é recente, tendo nascido no jornalismo no século XX, a partir da crise da democracia, causada pelo fim da Primeira Guerra Mundial. Essa crise surgiu a partir da tomada do poder por forças autocráticas, como exemplificado pela existência de regimes fascistas nesse momento histórico. Além disso, nessa mesma época, a publicidade e as relações públicas ganharam força, o que também contribuiu para criar uma crise de valores no jornalismo. Nesse sentido, o jornalismo mudou, já que a subjetividade passou a ser colocada em xeque (SCHUDSON, 2010).

A partir dessa nova relação do jornalismo com a objetividade, a visão da sociedade, sobre a imprensa, também mudou, já que as notícias tinham um caráter de confiabilidade e, em muitos casos, eram vistas até como verdades universais. Isso ocorre, porque o valor de objetividade está relacionado com os saberes científicos e, nesse sentido, ao se afirmar como objetiva, a imprensa também passa a ser vista como verdadeira.

É importante salientar, entretanto, que, conforme foi abordado anteriormente, essa lógica da objetividade reafirma a confiabilidade do jornalismo, sendo ela construída pelos próprios jornais. Nesse sentido, a noção da objetividade se constitui na forma de uma narrativa sobre si, através do *discurso*. Essa mesma afirmação da objetividade pode ser vista

nos saberes científicos, que também se legitimam ao trazerem em si uma relação com a razão e, portanto, com o que é verdadeiro.

Nota-se, entretanto, que mesmo perseguindo a objetividade, as notícias têm o seu caráter subjetivo, devido à própria subjetividade da linguagem e do olhar do jornalista. Apesar de o jornalismo travar uma luta contra a subjetividade, Traquina (2010) defende ser inegável que ele tenha uma característica condicionada. Isso pode ser afirmado, porque os jornalistas atuam como construtores das notícias e, por consequência, da realidade. Nesse sentido, é necessário entender as notícias como uma “construção”.

Hoje, em plena vigência da mídia eletrônica de massa, tem-se consciência de que a notícia não apenas representa ou “transmite” aspectos da realidade – hipótese embutida no modelo funcionalista – mas de que ela é também capaz de *constituir* uma realidade própria. Isto não quer dizer que todo e qualquer acontecimento seja um mero artefato midiático, independente da dinâmica social, e sim que a mídia *também* produz efeitos de real (SODRÉ, 2012, 25).

Esse caráter de “construção” da notícia é discutido nas teorias construcionistas do Jornalismo, que rejeitam a ideia de uma notícia como um “espelho”. Nessas teorias, é “impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2010, p.168). Nelas, é considerado o próprio caráter subjetivo da linguagem, uma vez que ela não pode ser um mecanismo de transmissão direta dos acontecimentos e, portanto, é impossível a neutralidade.

4. O JORNALISMO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Neste capítulo, será discorrido sobre a história da imprensa norte-americana, desde o tempo de colônia até o século XX. Além disso, será discutido sobre a origem das técnicas de jornalismo norte-americanas, que fizeram surgir o modelo estadunidense de jornalismo, caracterizado por uma estruturação da notícia, através da pirâmide invertida e do *lead*. Por último, será apresentada o histórico do jornal *The New York Times*, que terá a sua cobertura analisada no capítulo seguinte.

Para tanto, serão utilizadas reflexões dos autores Boorstin (2007); Filho (1987); Goulart (2003); Lee (1917); Sousa (2008) e Schudson (2010 e 2016).

4.1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NORTE-AMERICANA

Conforme foi visto no capítulo anterior, a objetividade é uma das características do jornalismo norte-americano, sendo esse um de seus principais pontos de diferenciação da imprensa europeia. Entretanto, segundo Schudson (2016), essa norma nem sempre esteve presente na história do jornalismo estadunidense. Na era colonial, por exemplo, a imprensa não entendia o papel social ou político que possuía, e os seus editores pensavam, unicamente, no dinheiro, sem considerar, de forma profunda, o que era publicado ou não e, dessa forma, “eles publicavam o que chegava a eles” (SCHUDSON, 2016, p.153).

Nos Estados Unidos, ainda como colônias inglesas, segundo Boorstin (2007), o primeiro jornal a surgir foi o *Public Occurences Both Foreign and Domestic*, no dia 25 de Setembro de 1690, que prometia publicar notícias uma vez ao mês ou quando houvesse necessidade. Posteriormente, de acordo com Sousa (2008), foi criado o semanário *Boston News Letter*, publicado pela primeira vez em 1704. Ambos foram fundados em Boston, por John Campbell e William Brooker. O terceiro jornal americano também nasceu no mesmo local, em 1719, sendo denominado *Boston Gazette*. Esses jornais, naquele momento histórico, já manifestavam o desejo pela independência, demonstrando a insatisfação com o governo britânico. Outros periódicos de destaque foram o *American Weekly Mercury*, primeiro inaugurado fora de Boston e o *New England Courant*, criado por James Fanklin, o irmão de Benjamin Franklin, que mais tarde viria a publicar o *Pennsylvania Gazette*.

Alguns anos mais tarde, em 1765, já existiriam 23 semanários em solo norte-americano, sendo que 11 das 13 colônias britânicas teriam uma imprensa, o que contribuiu

para a Revolução Americana, que aconteceria em 1776, com a Declaração de Independência dos Estados Unidos. Essa pressão pela independência se fortaleceu, principalmente, em 1765, com as leis fiscais instituídas pelo governo britânico, que contribuiriam para uma insatisfação geral entre os colonos, por terem uma característica muito penalizadora para as colônias.

A partir da independência, seria assegurada, pela constituição, a liberdade de expressão, a partir da Primeira Emenda, o que seria responsável pela forte produção de conteúdo, pelos Estados Unidos, característica que mais tarde influenciaria as principais transformações no jornalismo norte-americano, diferenciando-o do europeu, nos séculos XIX e XX (SOUSA, 2008).

De acordo com Schudson (2016), nos primeiros 50 anos de jornalismo, ainda no século XVIII, não havia qualquer indicação, nos Estados Unidos, que a imprensa se tornaria o palco central do discurso político. Isso ocorria, porque a imprensa colonial evitava controvérsias, publicando, principalmente, notícias internacionais, em especial de origem inglesa, de forma a não causar polêmica no cenário local e regional.

As primeiras grandes denúncias contra os erros, as arbitrariedades, os abusos e o mau governo colonial britânico nas Américas surgiram nas páginas do *New York Weekly Journal*, pela pena de John Peter Zenger, nos anos Trinta do século XVIII, redirecionando o jornalismo norteamericano. Novas políticas editoriais, mais persuasivas, pró-independentistas, profundamente críticas para com a administração colonial britânica, converterão os jornais americanos do século XVIII essencialmente em jornais de partido (*party press*), situação que se prolongará, em grande medida, pelo início do século XIX (SOUSA, 2008, p. 98).

Essa crítica à coroa britânica também estaria presente em outros periódicos, como nos dos irmãos Franklin. Entretanto, havia aqueles que se posicionavam favoravelmente à Inglaterra, em especial em Nova Iorque, como os jornais *The Royal Gazette*, *The New Yorker Gazer*, *The New York Gazette* e *Weekly Mercury*.

A partir do conflito com a Inglaterra pela independência, após 1765, a ideia de “justiça”, adotada pela imprensa, que até então procurava a neutralidade, acabou, já que nesse momento, todos começaram a escolher lados. Nesse sentido, foi a partir desse momento que os jornais iniciaram a sua participação na política, havendo a divisão de posicionamentos políticos, em especial na época de ratificação da Constituição, quando houve o embate entre federalistas e antifederalistas. Nessa época, não havia qualquer norma moral, como atualmente, de objetividade e neutralidade.

A neutralidade era, talvez, um consenso prudente, mas não uma norma moral. Naquele momento, havia referência ao que a imprensa iria publicar e não ao que deveria ser escrito ou sobre como a escrita deveria reportar e não comentar. A ideia do conceito moderno de objetividade simplesmente não existia. Dessa forma, quando políticos faziam demandas à imprensa, não havia defesa contra eles, nenhum recurso ideológico para contrapor a integridade dos jornalistas contra a corrupção do partido, até mesmo em um momento em que a legitimidade dos partidos era duvidada. Uma linguagem virtuosa para os jornalistas ainda não havia sido inventada (SCHUDSON, 2016, p. 154-155, tradução nossa)¹⁷.

A partir do século XIX, houve uma aceleração do jornalismo, com a imprensa rotativa, o que também foi motivado pelo surgimento das grandes cidades, configurando um clima propício para a existência de consumidores numerosos e fieis. Nessa época, houve a criação de uma série de jornais de baixo custo, a chamada *penny press* (imprensa do centavo), que promoveu um crescimento importante para o jornalismo norte-americano, sendo essa evolução essencial para o início das noções modernas de objetividade e justiça. Segundo Sousa (2008), a *penny press* seria responsável por iniciar o modelo noticioso, distinguindo-se da antecessora imprensa partidária (*party press*), sendo que esse momento traria o início das noções normativas da atualidade, que viriam a influenciar o jornalismo de todo o mundo.

Surgiram, assim, os jornais generalistas, de elevadas tiragens (que na última década do século já atingiam mais de um milhão de exemplares), predominantemente noticiosos (embora nem sempre independentes), apelativos (textos simples, uso de imagens e manchetes, grafismo inovador e arrojado, títulos apelativos no aspecto gráfico e no conteúdo, etc.), de baixo preço (daí a designação *penny press*), dirigidos à generalidade dos cidadãos (SOUSA, 2008, p.107).

De acordo com Lee (1917), o primeiro jornal da *penny press*, nos Estados Unidos, foi o *The Daily Evening Transcript*, fundado em 24 de julho de 1830. Entretanto, o periódico foi suspenso no mês seguinte, no dia 27 de agosto, já que não foi vendido como o esperado. Em Nova Iorque, o primeiro jornal criado na *penny press* foi o *The Sun*, com apenas 4 páginas, tendo sido publicado pela primeira vez em 1833 e circulado até 1950. A ideia de Benjamin Henry Day, o fundador, foi a de publicar um periódico para as pessoas que não tinham condição de comprar jornal, sendo ele para as massas.

¹⁷ Neutrality was perhaps prudential counsel, but not a moral norm. In any event, all of this referred only to what the printer would print, none of it touched on what a printer might himself write. And what writing there was tended not to be 'reporting', as we would think of it today, but commentary. The occupational preconditions for a modern concept of objectivity simply did not exist. So when political partisans made demands on printers, there was no defense against them, no ideological resources to counterpose the integrity of journalists against the corruption of party, even in a day when the legitimacy of parties was much in doubt. A language of occupational virtue for journalists had not yet developed.

4.2 O MODELO NORTE-AMERICANO

Até o século XIX, os jornalistas eram aconselhados, nas redações, a entrevistar e usar as suas próprias lembranças, não sendo encorajado o uso de anotações, uma vez que essa recomendação só se iniciou a partir de 1920. Nesse sentido, até aquela data, não havia o uso de citações diretas, sendo as entrevistas utilizadas, principalmente, como estratégia de negócio, atraindo a audiência e aumentando o número de vendas. Naquela época, o uso de entrevistas não era prática comum no jornalismo europeu, sendo esse um outro ponto que diferenciou o estilo norte-americano (SCHUDSON, 2016).

Entrevistar, uma prática desconhecida em 1865, foi altamente praticada em 1900, sendo essa a base do jornalismo americano na Primeira Guerra Mundial, um estilo ainda raro na Europa. A rápida difusão dessa nova prática, entre os jornalistas estadunidenses, parece ter surgido independente de qualquer ideologia, mas ela se ajusta no jornalismo centrado em fatos e notícias, ao invés do estilo de comentário político ou de aspirações literárias. Essa característica não fez surgir a norma da objetividade, mas foi uma das práticas que identificaram os jornalistas como um grupo distinto, com padrões diferentes de comportamento (SCHUDSON, 2016, p.157, tradução nossa)¹⁸.

Entretanto, 1920 não apenas criou o hábito do uso de anotações por parte dos jornalistas, mas foi responsável por inaugurar o modelo analítico e procedimental do jornalismo moderno, a partir do compromisso com a audiência. Nesse momento, os jornalistas começaram a articular regras do campo jornalístico, de forma mais consistente. Os editores de jornais, por exemplo, formaram, pela primeira vez, uma associação profissional, em 1922, a *American Society of Newspaper Editors*. Através dela, adotaram, na convenção de abertura, um código de ética, o *Canons of Journalism*, que incluía os princípios de sinceridade, confiança, precisão e imparcialidade, com a declaração de que as notícias deviam ser livres de opinião ou qualquer viés (SCHUDSON, 2016).

Esse conjunto de regras tornou o jornalismo norte-americano único, a partir de diversos parâmetros e características específicas, que viriam a influenciar uma série de outros

¹⁸ Interviewing, all but unknown in 1865, was widely practiced by 1900 and was the mainstay of American journalism by the First World War when it was still rare in Europe. The rapid diffusion of this new practice among American journalists seems to have been unaccompanied by any ideological rationale. It fit effortlessly into a journalism already fact-centered and news-centered rather than devoted primarily to political commentary or preoccupied with literary aspirations. It did not give rise to the objectivity norm but was one of the growing number of practices that identified journalists as a distinct occupational group with distinct patterns of behavior.

países. Segundo Goulart (2003), essas normas traziam uma série de restrições formais, que influenciavam tanto na linguagem quanto na estruturação do texto.

A restrição do código lingüístico - com uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens. As regras de redação, além disso, supostamente retiravam do jornalismo noticioso qualquer caráter emotivo e participante. Para garantir a impessoalidade (e o ocultamento do sujeito da enunciação), impôs-se um estilo direto, sem o uso de metáforas. Como a comunicação deveria ser, antes de tudo, referencial, o uso da terceira pessoa tornou-se obrigatório. O modo verbal passou a ser, de preferência, o indicativo. Os adjetivos e as aferições subjetivas tiveram que desaparecer, assim como os pomos de exclamação e as reticências. As palavras com funções meramente enfáticas ou eufemísticas deveriam ser evitadas (GOULART, 2003, p. 148-149).

Uma dessas técnicas desenvolvidas foi a pirâmide invertida que, segundo Filho (1987), foi utilizada, pela primeira vez, pelo *The New York Times*, em abril de 1861. Posteriormente, outras agências norte-americanas passaram a adotar esse mesmo modelo para redigir as suas notícias, sendo que muitas delas eram publicadas em território latino-americano.

Esse modelo estruturação da notícia começou a ser utilizado, segundo Canavilhas (2006), durante a Guerra de Secessão, uma vez que o telégrafo permitia o envio mais rápido da informação, através, principalmente, das crônicas diárias de guerra. Como, em muitos casos, os telégrafos eram alvos das tropas, foi estabelecido, entre os jornalistas, que cada organização enviaria o primeiro parágrafo e, após o rodízio, o segundo parágrafo era enviado, de forma que todos tivessem iguais condições de transmitir a informação.

Diante desse contexto, eram concentradas as informações principais no início do texto, sendo os fatos organizados por prioridade, o que era responsável por formar uma pirâmide invertida. Nesse sentido, esse modelo se opõe à estrutura narrativa cronológica, concentrando, no primeiro parágrafo, as informações mais importantes, para que, ao longo do texto, fossem destrinchadas informações secundárias, necessárias para o leitor que procurasse se aprofundar no acontecimento. A técnica permitiu que as informações fossem transmitidas de forma rápida, além de ser responsável por estabelecer uma rotina na construção das notícias

Segundo as regras da estruturação da notícia, o primeiro parágrafo consistiria no *lead*, responsável por responder a seis perguntas básicas, responsáveis por resumir o fato principal: quem?; o quê?; quando?; onde?; como?; e por quê?. Essa estruturação da

informação em uma sequência pré-estabelecida confere ao jornalismo uma característica objetiva, adequada ao modelo empresarial das redações adotado nos Estados Unidos que, mais tarde, seria importado para o Brasil, na década de 1950.

4.3 O *NEW YORK TIMES*

O *New York Times* foi fundado há 166 anos, com o seu nome original *New York Daily Times*, em 18 de Setembro de 1851, por Henry Jarvis Raymond e George Jones. Desde o seu princípio, teve distribuição diária e, inicialmente, o periódico era impresso em um depósito de *Manhattan*, contendo apenas 4 páginas em suas edições (DW.com). É importante notar que no início da sua história, o NYT não tinha o mesmo reconhecimento de hoje, demorando a decolar e a se configurar como um modelo de jornalismo.

Segundo Schudson (2010), ao longo do século XIX, o jornal estadunidense *World* provocou uma revolução no jornalismo norte-americano, sob a liderança de Joseph Pulitzer, que passou a adotar matérias com um tom sensacionalista e ampliou o espaço do jornal da publicidade para cerca de 50%, o que corroborou para o aumento da circulação, uma vez que o custo foi reduzido. A partir de uma cobertura sensacionalista, o jornalismo era visto como tendo três funções: informar, interpretar e entreter. Foi a partir do *World* que o ritmo do jornalismo moderno foi definido, com uma grande circulação nunca antes alcançada no jornalismo impresso.

A energia e a inovação de Pulitzer na prática comercial desempenharam um papel maior. Ao fazer circular o *World* ao custo de um centavo por cópia, ele forçava o *Times* a reduzir para dois o *Tribune*, de quatro para três (o *Sun*, eu custava dois centavos, manteve o mesmo valor). Pulitzer inaugurou a prática da venda de espaço publicitário com base na circulação real, e o negociava a preços fixos. Ao mesmo tempo, abandonou as tradicionais multas a anunciantes que usavam ilustrações ou quebravam as regras das colunas. Dessa forma, Pulitzer ajudou a racionalizar a prática comercial no jornal e as relações entre jornais e anunciantes (SCHUDSON, 2010, p.111).

Em 1896, o *World* tinha uma circulação de 600 mil exemplares; o *Journal* de 430 mil; o *Sun* de 130 mil; o *Herald* de 140 mil; o *Evening Post* de 19 mil; e o *Tribune* de 16 mil. Atrás de todos esses, encontrava-se o *The New York Times*, com uma circulação de apenas 9 mil exemplares. Nesse mesmo ano, Adolfo Ochs comprou o jornal e, em seu primeiro anúncio, alegou que não tiraria Charles R. Miller do cargo de editor, não mexeria nos empregados contratados e não alteraria a política editorial. Segundo ele, o jornal continuaria a

se dirigir para um público restrito de pessoas, sendo elas intelectualizadas e de uma mentalidade autêntica (SCHUDSON, 2010).

Quando assumiu a liderança do NYT, Ochs publicou uma Declaração de Princípios em suas páginas, no dia 19 de Agosto de 1896. Um trecho dela pode ser lida abaixo:

Se eu quiser sinceramente conduzir um jornal de alta qualidade, limpo, digno e confiável, é necessário honestidade, vigilância, seriedade, diligência e conhecimento prático, aplicado ao senso comum. Eu tenho a esperança de que eu possa ter sucesso, mantendo a alta apreciação que as pessoas profundas e de mente autêntica têm sempre tido com o *The New York Times*.

É de meu interesse principal que o *The New York Times* publique as notícias, todas as notícias, de forma concisa, atrativa, com linguagem adequada para a boa sociedade e publicá-la tão cedo quanto possível. Além disso, publicar as notícias com imparcialidade, sem medo ou favoritismo, independentemente de partido, facção ou interesses envolvidos; fazer a colunas do jornal um fórum para as considerações de quaisquer questões de importância pública; e para isso convidar o debate de todos os tipos de opinião.¹⁹ (OCHS, 1896, tradução nossa)

A estratégia de Ochs foi a de utilizar campanhas para atrair anunciantes e assinantes, a partir do discurso de que quem era visto lendo o *The New York Times* ganhava um selo de respeitabilidade. Mais tarde, o NYT adotou o slogan “Toda notícia que se deve publicar”, procurando relacionar a sua imagem com os valores de respeitabilidade e precisão. Nessa época, o jornal não procurava concorrer com os dois líderes em circulação, mas tentava se diferenciar, vendendo-se como algo completamente distinto e, de certa forma, renegando as características do *World* e do *Journal*. Procurou, então, travar uma guerra moral do jornalismo (SCHUDSON, 2010).

Em 24 anos de administração por Ochs, o NYT aumentou a sua circulação para 343 mil exemplares. Parte desse aumento ocorreu devido à própria diminuição do preço do jornal (SCHUDSON, 2010). Nesse contexto histórico, o periódico se configurou como um

¹⁹ But if a sincere desire to conduct a high-standard newspaper, clean, dignified, and trustworthy, requires honesty, watchfulness, earnestness, industry, and practical knowledge applied with common sense, I entertain the hope that I can succeed in maintaining the high estimate that thoughtful, pure-minded people have ever had of *The New-York Times*.

It will be my earnest aim that *The New-York Times* give the news, all the news, in concise and attractive form, in language that is parliamentary in good society, and give it as early, if not earlier, than it can be learned through any other reliable medium; to give the news impartially, without fear or favor, regardless of party, sect, or interests involved; to make of the columns of *The New-York Times* a forum for the consideration of all questions of public importance, and to that end to invite intelligent discussion from all shades of opinion.

modelo de jornalismo, ganhando respeito e a imagem de moralmente superior em relação aos outros jornais. Ao todo, o *New York Times* já conquistou 122 prêmios Pulitzer²⁰, mais do que qualquer outra organização (NYTCO.com), e se consagra até hoje como um exemplo de jornalismo de qualidade.

Devido à tradição do *The New York Times*, exemplificada anteriormente, esse jornal foi escolhido para ter a sua cobertura sobre a ditadura militar no Brasil analisada, uma vez que os Estados Unidos atuaram na execução do golpe militar no Brasil. Nesse sentido, o estudo procurará entender qual foi o enquadramento utilizado por esse jornal, e se ele se deixou influenciar por todo o imaginário coletivo relacionado ao medo do comunismo.

²⁰ Prêmio estadunidense destinado a pessoas que realizam trabalhos de excelência na área de jornalismo.

5. A ANÁLISE DO *NEW YORK TIMES*

Neste capítulo, será apresentada a proposta de análise, embasada na metodologia descrita por Bardin (2001). Além disso, será explicitada a busca, no arquivo do NYT, dos termos-chave, estabelecendo uma relação do número de matérias encontradas em cada mês, sendo formuladas hipóteses para esses resultados. Por fim, será realizada a análise de conteúdo do *corpus* selecionado de 1964 e 1968.

5.1 O ARQUIVO DO *NEW YORK TIMES*

O arquivo do *New York Times* está disponível online e pode ser acessado por qualquer pessoa. Entretanto, existem restrições para assinantes e não assinantes. Antes de 1 de janeiro 1923 e após 31 de dezembro de 1980, todos podem ler quaisquer notícias encontradas, mas existe um limite de acesso mensal, contado a partir do seu histórico de navegação ou pelo seu login.

Entretanto, somente assinantes podem acessar as matérias, sendo restringido o número de 100 artigos para cada 4 semanas entre os anos de 1923 e 1980. Nesse sentido, para essa pesquisa, o NYT foi assinado pelo período de um mês, no qual foram realizadas pesquisas, dos termos-chave, e os artigos encontrados foram salvos em PDF.

O arquivo do jornal conta com um acervo de mais de 13 milhões de notícias, sendo que é possível fazer a pesquisa nele, a partir de termos chave e restringindo os períodos de busca. Nesse sentido, foram feitas duas buscas, com os termos chave *Brazil* e *dictatorship*. Uma delas foi realizada entre 1 de janeiro de 1964 e 31 de dezembro do mesmo ano e a outra pelo mesmo período, mas em 1968. A partir de então, todos os arquivos, sem exceção, foram salvos para posterior análise. A seguir, é possível visualizar a primeira página do arquivo e a busca realizada em 1964, assim como os resultados encontrados.

Figura 1 - Arquivo do NYT

www.nytimes.com/ref/membercenter/nytarchive.html

HOME PAGE | TODAY'S PAPER | VIDEO | MOST POPULAR | U.S. Edition

The New York Times Archive

WORLD | U.S. | N.Y. / REGION | BUSINESS | TECHNOLOGY | SCIENCE | HEALTH | SPORTS | OPINION | ARTS | STYLE | TRAVEL | JOBS | REAL ESTATE | AUTOS

New York Times Article Archive

1851-PRESENT

The complete archive of The New York Times can now be searched from NYTimes.com — more than 13 million articles total.

Searching the Archives

The archive is divided into two search sets: 1851-1980 and 1981-present.

[Search the Article Archive: 1981-Present »](#)

[Search the Article Archive: 1851-1980 »](#)

Accessing and Purchasing Articles

Digital Subscribers:

- **1923-1980:** Your digital subscription includes 100 archive articles every four weeks in this date range (from January 1, 1923 through December 31, 1980). After you've reached the 100-article limit for the month, articles from 1923 through 1980 are \$3.95 each.
- **Pre-1923 and post-1980:** Articles published before January 1, 1923 or after December 31, 1980 are free with your digital subscription and are not limited in any way.

[Learn more about digital subscriptions »](#)

FACEBOOK | TWITTER | GOOGLE+ | SAVE | EMAIL | SHARE | PRINT | REPRINTS

MOST EMAILED

- To Beyoncé or Not to Beyoncé: The Challenges of Confirming the Birth of Her Twins
- Lawmakers Unite in Support for John McCain After Cancer Diagnosis
- Video Shows Orlando Police Pulling Over Florida State Attorney
- Car Camping at the Tour de France
- Classical Music in NYC This Week
- Introducing 'Dear Sugars,' Our Radically Empathic Advice Podcast
- Trump Finds That Demolishing Obama's Legacy Is Not So Simple
- An Unlikely Race Course on the Red Hook Waterfront

Fonte: SITE DO NEW YORK TIMES

Figura 2 - Busca no arquivo do NYT

The New York Times Search

Most Popular Searches ▾

Your Search: Go CLEAR ALL FILTERS

Date Range: Sort by: Newest | Oldest | Relevance

Past 24 Hours

Past 7 Days

Past 30 Days

Past 12 Months

Specific Dates

From: / /

To: / /

Result Type: Article

Author:

BRAZIL RALLY SEEKS TO OPPOSE GOULART
RC rally, Sao Paulo, opposes Goulart; some call for arrest of Deputy Brizola; ex-Pres Dutra urges Brazilians uphold Const against Goulart
March 20, 1964 - Special to The New York Times - Print Headline: "BRAZIL RALLY SEEKS TO OPPOSE GOULART"
[View original in TimesMachine](#)

The Brazilian Crackdown
ed scores curbs on freedom
April 12, 1964 - - Print Headline: "The Brazilian Crackdown"
[View original in TimesMachine](#)

EXECUTIVE LAUDS REVOLT IN BRAZIL
Armco Steel pres Edwards lauds coup
April 07, 1964 - By JOHN M. LEE - Print Headline: "EXECUTIVE LAUDS REVOLT IN BRAZIL"
[View original in TimesMachine](#)

THOUSANDS HELD IN BRAZIL'S DRIVE TO ROOT OUT REDS
Brazilian police occupy Times office, Rio de Janeiro, for 1 hr
April 08, 1964 - By EDWARD C. BURKS; Special to The New York Times - Print Headline: "THOUSANDS HELD IN BRAZIL'S DRIVE TO ROOT OUT REDS"
[View original in TimesMachine](#)

News Analysis
analysis of move to extend Pres term sees mil leaders seeking more time to consol reforms before elections; Lacerda status revd

Fonte: SITE DO NEW YORK TIMES

O *New York Times* oferece a possibilidade de visualizar o artigo dentro da edição como um todo ou baixar o arquivo PDF, no qual existe apenas a notícia encontrada pelos termos-chave. Foi essa a opção selecionada para a pesquisa, por facilitar a análise do *corpus*. Abaixo, podem ser vistas imagens de como são visualizadas as edições no jornal e do arquivo em PDF, que exclui qualquer outro elemento que não seja relacionado com ele

Figura 3 - Página de uma das edições do arquivo



Fonte: SITE DO *NEW YORK TIMES*

Figura 4 - Uma das edições do arquivo



Fonte: SITE DO *NEW YORK TIMES*

Figura 5 - Matéria encontrada no arquivo

**THOUSANDS HELD
IN BRAZIL'S DRIVE
TO ROOT OUT REDS**

Fears of Reversal of Coup
by Leftist Supporters
Lead to Wide Arrests

CACHES OF ARMS SEIZED

Military and Press Charge
That Purge Is Not Being
Pushed Hard Enough

By **EDWARD C. BURKS**
Special to The New York Times

RIO DE JANEIRO, April 5—
Several thousand persons were
reported today to have been
arrested throughout Brazil in
the drive by the Government
against Communists and sus-
pected Communists.

A number of those arrested
were being held on a ship in



United Press International Radiophoto

Fonte: SITE DO *NEW YORK TIMES*

Nessa perspectiva, o *New York Times* possui um arquivo histórico de grande relevância, devido ao seu período de existência e pela facilidade de pesquisa. Nesse sentido, estudar o jornal é uma forma de entender não apenas o período ditatorial brasileiro, mas também a própria história do jornalismo norte-americano.

5.2. PROPOSTA DE ANÁLISE

Para analisar a cobertura do *The New York Times* sobre a ditadura militar no Brasil, com foco nos anos 1964 e 1968, foi utilizada a Análise de Conteúdo, proposta pela pesquisadora Bardin (2001). Segundo a autora, a metodologia teve o seu início ainda no início do século XX, quando os estudos se concentravam, especialmente, em jornais e as análises utilizavam, em sua maior parte, a abordagem quantitativa. As primeiras pesquisas procuravam averiguar o nível de sensacionalismo das matérias, tendo a Escola de Jornalismo da Colúmbia dado os primeiros passos na metodologia da Análise de Conteúdo.

Posteriormente, a partir da Primeira Guerra Mundial, as análises passaram a se concentrar nas propagandas, uma vez que tal período teve um forte impulsionamento da publicidade, devido às necessidades políticas. Dentro do universo da Análise de Conteúdo, o primeiro nome que merece atenção é o pesquisador Lasswell, por ter feito estudos sobre a imprensa e sobre o universo da propaganda ainda em 1915. Mais à frente, já na década de 1940, tal metodologia passou a ser utilizada, principalmente, dentro das ciências políticas. Nesse período, segundo Bardin, 25% das análises aconteciam no universo da investigação política.

Entretanto, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a metodologia enfrentou uma falta de entusiasmo por parte dos pesquisadores, ficando em desuso e quase esquecida. Foi somente em 1955, no congresso *Allerton House Conference*, realizado em Illinois nos Estados Unidos, que o interesse pela Análise de Conteúdo foi novamente despertado, a partir das discussões levantadas. Nesse momento, são desenvolvidas novas formas metodológicas, confrontando-se outros modelos e instrumentos (BARDIN, 1977).

Mas ora, qual seria, afinal, a função da análise de conteúdo? Para a pesquisadora, a metodologia pode ser aplicada em todas as formas de comunicação. Ela consiste em “um conjunto de técnicas de análise as comunicações” (BARDIN, 2001, p.31). Nesse sentido, tudo o que é dito ou escrito pode ser submetido à metodologia, já que a análise se concentra na mensagem.

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2001, p.31).

A metodologia pode se debruçar sobre os “significados”, como, por exemplo, sobre uma temática, ou sobre os “significantes”, através de elementos léxicos. A sua finalidade primordial é a da interpretação, podendo seguir uma abordagem quantitativa ou qualitativa. No caso do *The New York Times*, a análise será feita sobre os significados do texto, ou seja, sobre a temática da ditadura militar. Além disso, a abordagem utilizada será tanto quantitativa, a partir da procura de termos-chave e da sua enumeração ao longo dos meses, quanto qualitativa, já que haverá uma interpretação das matérias encontradas nessa pesquisa.

Mesmo havendo uma determinada liberdade sobre o uso da metodologia, Bardin (2001) enumera os passos que devem ser tomados para o uso da Análise de Conteúdo. Para ela, a organização da análise se faz por meio de três elementos cronológicos, sendo eles: “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 2001, p.95).

Além disso, essas fases também seguem um ordenamento. Na pré-análise, por exemplo, o primeiro passo a ser tomado é o *(i) da leitura “flutuante”*, o primeiro contato com os documentos, sendo necessário conhecer o texto e se deixar levar pelas impressões trazidas por tais fontes de informação. Depois, é necessário *(ii) escolher os documentos* a serem analisados, determinando, assim, o universo de estudo.

No caso do *The New York Times*, o *corpus* escolhido foi contemplado pelas matérias encontradas, a partir dos termos chave *Brazil* e *dictatorship* (ditadura), nos anos de 1964 e 1968. É importante mencionar, entretanto, que qualquer matéria que não tivesse relação direta com o período ditatorial brasileiro, mesmo que encontrada pelos termos, foi excluída.

Após a definição do *corpus* de estudo, é necessário *(iii) formular uma hipótese*, sendo ela provisória, podendo ela se confirmar ou não ao longo da análise. A partir das reflexões apresentadas ao longo dessa monografia, em relação à atuação dos Estados Unidos sobre o golpe militar no Brasil, a nossa hipótese é de que o *The New York Times* corroborou com a narrativa do governo norte-americano, uma vez que o medo em relação ao comunismo, tão presente naquela época, estava já entranhado no imaginário coletivo da população. Nesse sentido, a hipótese é de que o NYT se posicionou favorável ao golpe, condenando a atuação de João Goulart e manifestando o seu temor em relação à possibilidade de um regime comunista no território brasileiro.

Ainda na pré-análise, o último passo a ser dado é o da *(iv) referência dos índices e a elaboração de indicadores*. Esses índices podem ser contemplados por temáticas que apareçam no texto, havendo um processo de categorização para a análise temática, o caso do objeto de estudo dessa monografia. As categorias e subcategorias, elaboradas para estudar a temática da ditadura militar dentro do *The New York Times*, foram as seguintes:

Tabela 1: Categorias e Subcategorias da Análise de Conteúdo

Categorias	Subcategorias
Política	Favorável à política adotada por Goulart Crítica à política adotada por Goulart A favor do regime militar Contra o regime militar
Valores	Luta contra o comunismo Aparecimento do valor liberdade Menção a valores democráticos
Economia	Melhora econômica durante o governo Goulart Piora econômica durante o governo Goulart Melhora da economia após o golpe Piora da economia após o golpe
Censura e Repressão	Menção à censura Menção à violência militar

Fonte: ELABORADA PELA PRÓPRIA AUTORA

A primeira categoria criada foi a da Política, uma vez que a temática é fundamental para entender a ditadura militar como um todo. Como subcategorias, foram elencadas: (i) Favorável à política adotada por Goulart; (ii) Crítica à política adotada por Goulart; (iii) A favor do regime militar; (iv) Contra o regime militar. A escolha das subcategorias se justifica pelo momento histórico, uma vez que anteriormente ao golpe, as narrativas midiáticas procuravam criticar as políticas adotadas pelo presidente João Goulart, alegando se tratarem de medidas de esquerda e, dessa forma, comparavam-no com líderes comunistas. Nesse sentido, a crítica à política adotada por Goulart pode aparecer de forma elevada, principalmente nas matérias de 1964, período em que foi iniciado o regime militar. Embora as matérias que critiquem Goulart sejam favoráveis ao regime, foi necessária estabelecer tal subcategorização para identificar qual a frequência dessas críticas ao ex-presidente, já que nem todas as matérias favoráveis ao golpe abordarão, em suas pautas, o político.

É interessante perceber, além disso, que as subcategorias “a favor do regime militar” e “contra o regime militar” não dizem respeito, necessariamente, ao tom das notícias, mas às temáticas abordadas. Por exemplo, se é noticiada uma manifestação contra o comunismo, a abordagem é favorável ao regime militar. Entretanto, se é noticiado um protesto estudantil, que traz a demanda de “Abaixo a ditadura!”, a temática que aparece é

contra o regime militar. Nesse sentido, não é considerado o tom opinativo do jornal, mas a escolha das pautas, já que os acontecimentos, como as manifestações, poderiam não ter sido escolhidos para a cobertura. Além disso, há ainda que se considerar a angulação das reportagens, visto que carregam valores embutidos.

A segunda categoria criada foi a de Valores, que objetiva identificar o aparecimento de valores chave, referenciados pelos norte-americanos, sendo eles: (i) Luta contra o comunismo; (ii) Aparecimento do valor liberdade; (iii) Menção a valores democráticos. Mais uma vez, não necessariamente o jornal precisa concordar com quaisquer desses valores ou demandá-los, mas a temática pode aparecer na fala de alguma das fontes ou na narrativa dos fatos. As subcategorias relacionadas ao comunismo e à democracia também dialogam com a categoria Política, entretanto, foi criada uma categorização extra de Valores, uma vez que esses discursos estavam muito presentes no imaginário coletivo dos Estados Unidos. Ademais, é importante perceber que as categorias não são independentes e excludentes, sendo possível relacioná-las, até pela própria geopolítica da época.

A terceira categoria criada foi referente à Economia, uma vez que vários jornais, na época, criticavam a política econômica adotada por João Goulart. Nesse sentido, foram criadas duas subcategorias, sendo elas: (i) Melhora econômica durante o governo Goulart; (ii) Piora econômica durante o governo Goulart; (iii) Melhora da economia após o golpe; (iv) Piora da economia após o golpe.

Por último, foi criada a categoria Censura e Repressão, uma vez que o período de ditadura militar apresentou uma elevada violação dos direitos humanos e das liberdades de expressão. Nessa perspectiva, foram elencadas duas subcategorias: (i) Menção à censura; e (ii) Menção à violência militar. As notícias de prisões, por exemplo, são elencadas como violência militar, enquanto a proibição de determinadas publicações ou de protestos é categorizada como censura. Em alguns casos, pode haver ambos os casos, como a existência de uma manifestação, que foi proibida anteriormente, e na qual houve violência contra os manifestantes por parte da polícia.

Por meio de tal categorização, será possível fazer uma análise quantitativa das matérias que aparecerem, entendendo o posicionamento do *The New York Times* nos anos de estudo.

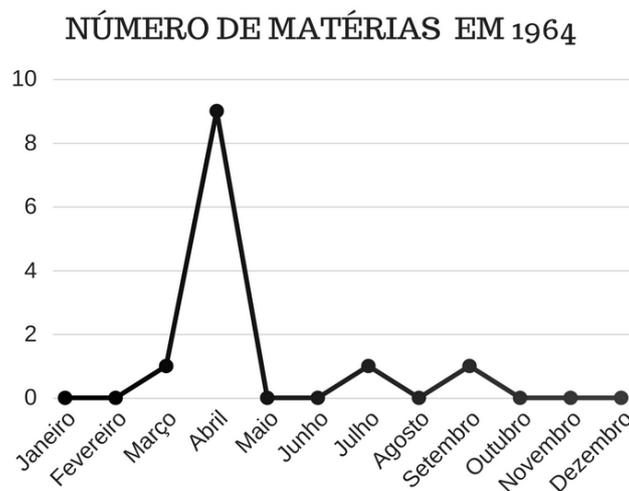
5.3. PALAVRAS-CHAVE E CORRESPONDÊNCIAS

Conforme foi visto no item anterior, a abordagem de análise do *The New York Times* será tanto quantitativa, quanto qualitativa. O objetivo da análise quantitativa é o de identificar o número de matérias, sobre Brasil e ditadura, que aparecem nos meses dos anos 1964 e 1968, relacionando o número de notícias com o período histórico. Além disso, serão levantadas hipóteses sobre os motivos de tais números.

Em 1964, foram encontrados 15 artigos, a partir da busca por *Brazil* e *dictatorship*. Entretanto, dessas matérias encontradas, três delas serão desconsideradas no *corpus* de análise, uma vez que a primeira, de fevereiro de 1964, traz trechos de um editorial, publicado em Hong Kong, sobre o comunismo pelo mundo e o segundo, de abril de 1964, traz um resumo do que foi reportado pelo secretário Mikhail A. Suslov, do partido soviético comunista. Além disso, a última descreve os escritores latino-americanos existentes nos Estados Unidos. Nesse sentido, os três documentos não estão focados no Brasil, apenas mencionam o país. É importante lembrar que foi delimitado, na pré-análise, que seriam estudados artigos que tivessem uma relação direta com o período ditatorial brasileiro, o que não é caso desses três artigos, que apresentam uma relação indireta.

Nesse ano de estudo, então, foram analisados 12 artigos, tendo sido eles publicados nos seguintes meses, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Número de matérias em 1964



Fonte: Fonte: ELABORADA PELA PRÓPRIA AUTORA

É interessante perceber, ao analisar o gráfico, que das 12 matérias encontradas a partir dos termos-chave, nove delas foram publicadas em abril, uma em março, uma em julho e uma em setembro. Nesse sentido, é visível que nesse primeiro ano de análise, houve poucas publicações relacionadas aos dois termos-chave, sendo que a grande maioria delas ocorreu em abril, mês em que aconteceu o golpe militar. Uma hipótese para o baixo número de matérias encontradas pode ser o fato de, nesse momento, o regime militar ainda não ter sido considerado como uma ditadura militar, já que essa primeira fase da ditadura, até o estabelecimento do AI-5, era vista, por muitos, como um período de transição que culminaria em eleições para a presidência, o que não aconteceu.

Em 1968, foram encontrados 26 resultados, sendo que oito deles serão desconsideradas para análise, por não estarem diretamente relacionados como a ditadura militar no Brasil. A primeira matéria não considerada aborda as manifestações de estudantes no México; a segunda traça a trajetória de um líder político que não é brasileiro; a terceira aborda a ditadura de Salazar em Portugal; a quarta fala sobre as eleições na Venezuela; a quinta discorre sobre acontecimentos em Cuba; a sexta noticia eventos recentes na ditadura do Peru; a sétima conta a trajetória de um escritor; e a oitava faz uma análise sobre os horizontes econômicos na América Latina.

Nessa perspectiva, foram consideradas 18 matérias para o *corpus* da análise, sendo que uma foi publicada em março; uma em maio; três em junho; duas em julho; duas em setembro; uma em outubro e oito em dezembro.



Fonte: ELABORADA PELA PRÓPRIA AUTORA

Ao analisar o gráfico, é possível perceber que durante o ano, quase não há matérias relacionadas à ditadura militar no Brasil, entretanto, em Dezembro, há um aumento significativo. Em 1968, o AI-5 foi estabelecido em 13 de Dezembro, o que provavelmente explica esse crescimento, já que com esse ato institucional, a censura e a repressão passaram a ser escancaradas.

5.4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DE 1964

Nessa seção, serão analisadas as 12 matérias do *corpus* de análise de 1964. Como o objeto de estudo está em uma língua estrangeira, foi considerado importante resumir o conteúdo de cada uma das matérias. Nesse sentido, serão elencadas todas as matérias, as subcategorias que aparecem e a abordagem adotada por cada uma delas. Posteriormente, serão apresentados os resultados da análise.

Quadro 1: Artigo 1 - Brazil rally seeks to oppose Goulart - “Brasil se reúne em oposição à Goulart”

Data	20/03/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a política adotada por Goulart
Valores	Aparece o valor liberdade Menciona valores democráticos

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, o jornal noticia um protesto de homens, mulheres e crianças católicas contra o presidente João Goulart. O NYT aborda os valores demandados, sendo eles democracia e liberdade, além do pedido dos manifestantes em relação à prisão de Brizola, líder político e cunhado do presidente. Por último, a notícia menciona a fala do militar Eurico Gaspar Dutra, que clama à população que convoque a constituição em oposição à presidência. Além dessas demandas, o jornal fala das “reformas” (O NYT utilizou o termo entre aspas), adotadas por Goulart, sendo elas: legalização do partido comunista; votos para analfabetos; e a expropriação de propriedades privadas.

Na matéria, as subcategorizações encontradas foram os valores liberdade e democracia. Entretanto, a notícia não traz um posicionamento claro e explícito, não havendo

adjetivações, de forma a perseguir a objetividade almejada pelo jornalismo. A notícia relata os fatos, não colocando em xeque as reformas adotadas ou a piora econômica e política no país.

Quadro 2: Artigo 2 - As revolt in Brazil focuses attention on Latin America - “Como a revolta no Brasil dá atenção à América Latina”

Data	05/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a política adotada por Goulart
Valores	Luta contra o comunismo Aparece o valor liberdade Menciona valores democráticos
Economia	Piora econômica durante o governo Goulart

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria aborda a situação brasileira, falando sobre as potencialidades do Brasil e como o presidente João Goulart colocou essa nação, tão promissora, em crise. Nesse sentido, menciona a inflação e a existência de um quantitativo grande de analfabetos, além de abordar as medidas de esquerda adotadas pelo presidente. Ademais, descreve a intervenção militar como uma culminação de todos esses aspectos e como uma forma de resistência ao comunismo. A notícia questiona a América Latina como um todo, evidenciando a situação de Cuba e a de regimes não democráticos em outros países do território.

Ao longo da matéria, há uma narrativa sobre o golpe. O NYT narra a marcha dos militares até o Rio e a fuga de João Goulart para o Uruguai. Após isso, fala da marcha de vitória de 1 milhão de pessoas, que pedia por valores de liberdade e democracia. O jornal não se posiciona explicitamente, mas aborda o fato de Washington ver o golpe como uma nova chance à democracia brasileira. Por último, a matéria descreve as regras constitucionais para uma situação dessas, demonstrando que haveria a necessidade de eleger um novo presidente da República dentro do período de 30 dias. Ademais, demonstra a esperança de Washington de que esse novo governo renove laços com a Aliança para o progresso. O NYT pontua que o governo dos Estados Unidos viu como bem vinda a mudança, mas que caso houvesse uma ditadura militar, a resposta seria diferente de outrora.

Em uma conferência de imprensa na sexta-feira, o Secretário de Estado Rusk defendeu que a mudança no Brasil não foi um “tipo tradicional de golpe”, porque foi, na verdade, uma tentativa de proteger a constituição. Questionado, ele disse que os Estados Unidos estava comprometido a “apoiar as instituições democráticas e

constitucionais”. Entretanto, caso uma tomada militar acontecesse, os Estados Unidos não iria, simplesmente, “ir embora”, mas sim “assistir” no processo de retomada da constituição²¹ (NYT, 1964, tradução nossa).

Quadro 3: Artigo 3 - Thousands held in Brazil’s drive to root out reds - “Milhares presos no Brasil para acabar com os vermelhos”

Data	06/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Valores	Luta contra o comunismo
Censura	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, o jornal noticia a prisão de militantes da esquerda, ao mesmo tempo em que relata a fala da polícia, de que muitos outros se escondem para lutar. Além disso, cita os locais de reunião comunistas encontrados, nos quais existiam armas, dinheiro e propaganda. O jornal aponta o JK como uma das possibilidades para assumir a presidência e, ao mesmo tempo, demonstra a resistência de lideranças como Assis Chateaubriand e do governador Lacerda, que acreditam que a personalidade política segue aos mesmos princípios de Goulart. Na matéria, também é mencionada a censura já existente nesse início do golpe.

Os policiais brasileiros ocuparam os escritórios do The New York Times, The Associated Press e Teleradio Brasileira, uma subsidiária da Press Wireless, por uma hora nessa noite. Edgar Miller da The Associated Press foi preso pela polícia por meia hora, mas as autoridades, mais tarde, falaram que tudo foi um mal entendido. Policiais checaram artigos dos últimos dias e disseram estar procurando por evidências de notícias falsas da revolução brasileira²² (NYT, 1964, tradução nossa).

²¹ At a news conference on Friday Secretary of State Rusk maintained that the change in Brazil was not “the traditional kind of coup” because it was really an attempt to protect the Constitution. Under questioning he said the United States was committed to “vigorous support of democratic and constitutional institutions.” But when a military takeover occurred, he said, the United States would not simply “walk away” but must “try to assist” in restoring constitutional processes.

²² Brazilian policemen occupied the offices of The New York Times, The Associated Press and Teleradio Brasileira, a subsidiary of Press Wireless, for an hour early this evening. Edgar Miller of The Associated Press was held by the police about half an hour, but authorities said later that this grew out of a “misunderstanding.” English-speaking police officials made a check of articles filed in the last few days. They said they were looking for evidence of false reports of Brazilian revolution

Quadro 4: Artigo 4 - Executivo lauds revolt in Brazil - “Executivo elogia revolta no Brasil”

Data	06/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	A favor do regime militar
Valores	Luta contra o comunismo

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa notícia, o jornal menciona o elogio do executivo Arthur R Edwards ao golpe instituído no Brasil. Segundo ele, esse momento reflete os desejos do povo e iria acabar com o movimento de esquerda do Chile.

Quadro 5: Artigo 5 - Anti-Red Law Asked By Military in Brazil - “Lei Anti-Vermelhos é demandada pelos militares no Brasil”

Data	08/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	A favor do regime militar
Valores	Luta contra o comunismo Menciona valores democráticos
Censura	Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, é abordada a demanda dos militares de ampliar o poder da presidência, permitindo que os opositores à revolução fossem retirados do governo. Seria esse um passo a mais para a “descomunização”. Ao longo do texto, é retomado o processo do golpe, havendo sinalização de que a intervenção fora apoiada pela população. Ademais, também é abordada a situação do presidente anterior, havendo a informação de que Goulart estava no Uruguai. Por último, é falado sobre o processo eleitoral e sobre a prisão de líderes comunistas, fato mencionado em matéria anterior pelo jornal.

Quadro 6 – Artigo 6 - Censorship disturbs U.S - “Censura irrita aos Estados Unidos”

Data	09/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Valores	Luta contra o comunismo Menciona valores democráticos
Censura	Menciona a censura

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, é evidenciada a preocupação de diplomatas estadunidenses em relação à censura de matérias que saem do Brasil para o exterior. A notícia relata que as Forças Armadas violam correspondências para averiguar o que é escrito. Nesse sentido, os diplomatas entraram em contato com as autoridades brasileiras.

Ao final, é sinalizado que a administração do presidente Johnson elogiou o golpe militar, abordando que não haveria fim ao reconhecimento diplomático do Brasil, porque o poder de Goulart foi retirado pelo Congresso, através de medidas constitucionais. Por fim, é dito que é esperado que a configuração democrática será mantida no Brasil e que não haverá tentativas de se estabelecer uma ditadura.

Quadro 7: Artigo 7 - Gen. Castelo Branco Named Brazil Chief - “General Castelo Branco é nomeado como presidente”

Data	12/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Valores	Luta contra o comunismo Aparece o valor liberdade Menciona valores democráticos

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, é noticiada a vitória do general Castelo Branco, que recebeu 361 votos no congresso. O NYT aborda que os poderes da presidência são quase ditatoriais, mas que há limites, uma vez que o Congresso permanece ativo. Além disso, é noticiado que os militares, além de lutarem contra o comunismo, também pretendem fazer uma mudança moral e possuem um programa político e financeiro.

Nesse artigo, o *New York Times* menciona preocupação com a possibilidade de os líderes políticos estarem indo longe demais na revolução, violando liberdades individuais. Ademais, há a informação de que o General Costa e Silva defende não ter tomado nenhuma medida contra a liberdade de imprensa, mas que propagandas comunistas não seriam toleradas. Por último, aborda o posicionamento do grupo Globo, que defende que os políticos presos são aqueles que antes tentaram matar os valores democráticos.

Quadro 8: Artigo 8 - The world - “O mundo”

Data	12/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Luta contra o comunismo
Censura	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, são noticiadas diversas questões relacionadas ao mundo. Em meio a elas, a retransmissão “E o Brasil?” introduz a temática da política brasileira. No artigo, são mencionadas as situações das duas semanas anteriores, tais como a limpa no congresso, os ataques e as prisões. É questionado, nesse momento, se essa luta seria contra o comunismo ou uma forma de instaurar uma ditadura militar no Brasil.

Ao longo da matéria, é mencionado o fato de essa revolução ter demonstrado esperança para o restante do hemisfério, mas as medidas no congresso e as prisões têm gerado preocupação, visto que muitos desses presos não são exatamente comunistas, mas líderes de outros partidos que têm importância para a América Latina.

E aí veio a repressão drástica. Algumas batidas policiais eram esperadas como parte do processo de “limpa”; mas o que preocupou os observadores foi o grande número de prisões – 7.000 de acordo com as estimativas no Rio – e a prisão de muitos que não eram comunistas, mas líderes da não comunista esquerda brasileira, que muitas vezes estabeleciam um papel importante na democracia latina²³ (NYT, 1964, tradução nossa).

Além disso, é demonstrada a posição dos jornais brasileiros e americanos, havendo reações opostas de elogio ou de críticas.

A reação no Rio de Janeiro foi mista. Alguns jornais acreditaram que as medidas foram necessárias para colocar a economia e as reformas sociais novamente no caminho certo, outros ficaram abalados. Em Washington, houve uma reação similar de incerteza. Alguns oficiais tinham esperança de que a revolta era essencial para guiar o Brasil, novamente, para a estabilidade; outros temiam que o país estivesse tomando um rumo de estresse político intenso. Ontem, em uma coletiva de imprensa, o

²³ Then came the drastic crack down. Some roundups had been expected as part of the “cleaning up” process; what worried observers was the swelling number of arrests —7,000 according to estimates in Rio—and the jailing of many who were not Communists but leaders of the non-Communist left which often has played an important role in bolstering Latin democracy.

Presidente Johnson disse que os brasileiros estão se movendo adiante e que “espera que esses movimentos sejam bons movimentos”²⁴ (NYT, 1964, tradução nossa).

Por último, a matéria argumenta que caso o Brasil assumira uma posição de extrema direita, os Estados Unidos teriam uma escolha difícil entre segurar os investimentos econômicos no Brasil ou se expor novamente às acusações de apoiar todos os golpes militares da América Latina.

Quadro 9: Artigo 9 - The Brazilian Crackdown - “A repressão brasileira”

Data	12/04/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Aparece o valor liberdade Menciona os valores democráticos

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, é abordado o fato de o Brasil ter tido sempre valores democráticos estabelecidos, tais como liberdades individuais e liberdade de imprensa. Entretanto, nas últimas semanas, a ampliação do poder executivo mudou o país de extrema esquerda para extrema direita.

O Brasil de hoje é um país no qual a lei fortaleceu o poder executivo, sendo ela imposta por um governo militar temporário. Além disso, antes mesmo da nomeação do novo presidente, esse mesmo governo expulsou 10% dos membros eleitos do congresso e suspendeu os direitos políticos de muitos oficiais e de outros com variados níveis de visão de esquerda. Esse seria um dia triste se a reputação intelectual, artística e de liberdade de imprensa desse país fosse perdida, e que a democracia fosse arruinada no nome de uma limpa anti-Comunista²⁵ (NYT, 1964, tradução nossa)

²⁴ The reaction in Rio de Janeiro was mixed. Some newspapers thought the measures were what was needed to weed out extremists and get long-blocked economic and social reforms under way; others were jarred. In Washington there was similar uncertainty. Some officials clung to hopes that the revolt's essential task of guiding Brazil back to stability would be accomplished; others feared the country was heading into serious new political stresses. At his news conference yesterday, President Johnson said that the Brazilians were moving ahead, “and — we hope these moves will be good moves.”

²⁵ That is the Brazil that was—and it may be the Brazil that will be. But it is not the Brazil that is. The Brazil of today is a Brazil where a summary law enormously strengthening the executive power has been imposed by a temporary military government, which even prior to the naming of a new President had ousted some 10 per cent of the duly elected members of Congress and suspended the political rights of many officials and others of widely varying degrees of left-wing view. It would be a sad day for Brazil if its reputation for intellectual, artistic and press freedom were lost, and if its political democracy were crushed in the name of a sterile anti-Communism.

Por último, o jornal demonstra que o presidente Goulart fez uma bagunça, enquanto governante, e que foi eliminado por uma revolta militar não constitucional. Entretanto, a sua saída, mesmo que desejada por muitos, não deveria levar o país a um caminho não democrático, não sendo essa uma solução viável para o país.

Quadro 10: Artigo 10 - Brazil plays a key role - “Brasil tem um papel importante”

Data	05/07/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a política adotada por Goulart A favor do regime militar
Valores	Luta contra o comunismo
Economia	Piora econômica durante o governo de Goulart

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Essa matéria se posiciona favoravelmente ao golpe militar. Nela, é abordado, logo no início, que a revolução anticomunista, em território brasileiro, foi o acontecimento mais importante desde a vitória de Fidel Castro em Cuba. Além disso, esse fato abriu portas para o Brasil restaurar as relações com os Estados Unidos, atraindo investimentos para o desenvolvimento econômico. Posteriormente, a revolução brasileira é comparada com a Argentina, mas o Brasil é diferenciado, por ter o apoio da classe média. Nas matérias, são abordadas, de forma negativa, as reformas de João Goulart, além da inflação trazida por ele.

Por fim, é mencionado o posicionamento de Castelo Branco, que alegou não desejar adotar políticas de extrema direita, pretendendo iniciar reformar econômicas, sociais, administrativas e eleitorais urgentes. Ademais, são mencionados os problemas econômicos enfrentados pelo país e as reformas necessárias, como a de impostos, além do impacto positivo da revolução em relação aos países vizinhos.

Quadro 11: Artigo 11 - Brazil's changing order – “Brasil está mudando a ordem”

Data	20/07/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Valores	Luta contra o comunismo

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A notícia aborda os desdobramentos políticos no Brasil, tais como o adiamento do mandato de Castelo Branco, além do temor militar da eleição de alguém que vá contra a revolução. Nesse sentido, sinaliza as medidas constitucionais que seriam tomadas para evitar tal desdobramento, tal como a aprovação de um candidato à presidência por unanimidade.

O artigo evidencia que caso fosse eleito um presidente que fosse contra a revolução, haveria a possibilidade de ditadura militar. Além disso, o governador Carlos Lacerda é apontado como favorito para assumir a presidência, sendo descrito como um político que luta contra o partido Social Democrata há anos, tendo a imagem anticomunista, além de ter apresentado um governo limpo.

Quadro 12 – Artigo 12 - Rate of inflation slows in Brazil - “Inflação reduz no Brasil”

Data	30/09/1964
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a política adotada por Goulart A favor do regime militar
Valores	Luta contra o comunismo
Economia	Piora econômica durante o governo Goulart Melhora da economia após o golpe

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, são abordados os avanços econômicos trazidos por Castelo Branco, tal qual a redução da inflação, que apresentou uma diminuição de 2,2% no mês de Agosto, e de 2,5% em Setembro. Além disso, são mencionadas as piores econômicas trazidas por João Goulart, como o aumento do custo de vida. As taxas econômicas, ao longo da matéria, são comparadas com o governo anterior, sendo os resultados de 1964 sempre melhores.

5.4.1 Resultados da Análise de Conteúdo de 1964

Antes de ser realizada a análise de conteúdo sobre a cobertura do *The New York Times* da ditadura militar no Brasil, em 1964 e 1968, a hipótese dessa pesquisa era a de que o jornal corresponderia à narrativa do governo norte-americano em relação ao golpe. Nesse sentido, havia a crença de que o periódico noticiaria o acontecimento de forma que o governo militar fosse sempre elogiado, em razão do risco de comunismo no país.

De fato, ao longo da análise, parte dessa hipótese pôde ser verificada, uma vez que algumas notícias elogiavam a “revolução”, sinalizavam o medo em relação ao comunismo e criticavam as reformas adotadas por Goulart, além da piora econômica trazida pelo ex-presidente.

Entretanto, a análise também revelou desdobramentos inesperados, já que logo no início do golpe, ainda em abril, foram noticiados acontecimentos relacionados ao abuso de poder, à censura e à preocupação estadunidense de que o regime militar brasileiro se tornasse antidemocrático, assim como em outros casos na América Latina. As notícias foram uma surpresa, porque era esperado que tais críticas aparecessem somente mais à frente da ditadura militar e não em seu início, conforme aconteceu.

Das 12 matérias analisadas, a única subcategoria que não foi encontrada, em momento algum, foi relativa ao elogio à política adotada por Goulart. Mesmo não havendo ocorrência, é importante mencionar esse número, uma vez que ele mostra que, de certa forma, havia um descontentamento geral em relação à política adotada por Goulart, não existindo sequer um elogio em relação à atuação do presidente. Em todos os momentos, o político é criticado e é ressaltada a sua ligação com a esquerda e com o comunismo.

Na tabela dois, é possível encontrar o número de correspondências, em cada uma das categorias e subcategorias criadas.

Tabela 2: Resultados da Análise de Conteúdo de 1964

Categoria	Subcategoria	Ocorre?
Política	Elogio à política adotada por Goulart	0 (0%)
	Contra a política adotada por Goulart	4 (33%)
	A favor do regime militar	4 (33%)
	Contra o regime militar	2 (16%)
Valores	Luta contra o comunismo	10 (83%)
	Aparece o valor liberdade	4 (33%)
	Menciona valores democráticos	6 (50%)
Economia	Melhora econômica durante o governo Goulart	0 (0%)
	Piora econômica durante o governo Goulart	3 (25%)
	Melhora da economia após o golpe	1 (8%)
	Piora da economia após o golpe	0 (0%)
Censura	Menciona a censura	3 (25%)
	Menciona a violência militar	3 (25%)

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

É possível perceber, a partir dos resultados acima, que mesmo havendo críticas em relação ao regime militar, através da menção à violência militar e à censura, ainda assim a maior parte das notícias encontradas foi favorável ao regime. Havia matérias que sinalizavam a melhora econômica ou a esperança dos outros países em relação à “revolução brasileira”.

Além disso, é interessante perceber o quão alto foi o número de matérias que mencionavam a luta contra o comunismo, sendo essa, de fato, uma narrativa que tinha grande força na época.

Na próxima seção, será analisado o conteúdo das matérias de 1968.

5.5. ANÁLISE DE CONTEÚDO DE 1968

Quadro 13: Artigo 13 - Brazilian Leader Hails Gains of a Year in Office
“Líder brasileiro fala das conquistas do último ano no poder”

Data	16/03/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a política adotada por Goulart
Economia	Piora econômica durante o governo Goulart Melhora da economia após o golpe

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

No primeiro artigo analisado de 1968, é abordado o primeiro ano de governo do presidente Arthur da Costa e Silva, que sinalizou a ambição de tornar o Brasil a primeira grande nação abaixo da linha do Equador. A matéria defende que o seu governo é o segundo da revolução e que tanto o presidente, quanto o anterior, Humberto de Alencar Castelo Branco, foram os responsáveis pela revolução que retirou o governo esquerdista e desorganizado do presidente João Goulart.

Ao longo da notícia, são elencadas algumas críticas ao regime, como a de alguns opositores, que descrevem o governo como uma “democratura”, ou seja, uma mistura de democracia com ditadura. Além disso, são elencados alguns defeitos relacionados à educação, que aparece como prioridade nos discursos, mas que na prática, recebe pouca atenção. Também é mencionada a política relacionada aos salários, uma vez que o poder de compra da população foi reduzido em 40% desde 1964. Entretanto, é sinalizado o lado positivo do governo, como a redução de 25% da inflação e o aumento de 5% do produto interno bruto.

Quadro 14: Artigo 14 - Sao Paulo Governor Injured in AntiGovernment Outbreak – “Governador de São Paulo é ferido em protesto”

Data	02/05/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa nota, é narrado o fato de o governador de São Paulo, Roberto Costa de Abreu, ter sido ferido em uma manifestação que aconteceu na cidade. Segundo a matéria, o político estava realizando um comício, quando os manifestantes o forçaram a se refugiar em uma Catedral das proximidades. É importante salientar que o jornal utilizou a expressão “forçar”, o que demonstra um posicionamento de culpabilização aos manifestantes na descrição do evento. No artigo, é relatado que os manifestantes totalizavam cerca de 5000 pessoas, gritavam “Abaixo a ditadura”. Após retirar o governador do lugar, o palco foi queimado.

Quadro 15: Artigo 15 - 3 dead in Brazil in Student Riots - “3 mortos no Brasil em manifestação estudantil”

Data	22/06/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura
Censura e Repressão	Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nesse artigo, é noticiado o protesto estudantil²⁶ que aconteceu no Rio de Janeiro, em frente à embaixada dos Estados Unidos. Nele, os estudantes gritavam frases antiamericanas e dizeres como: “Cuba! Cuba!” e “Abaixo a ditadura!”. O artigo narra que eram aproximadamente 2000 alunos, sendo que eles marcharam do Ministério da Educação até a Embaixada dos Estados Unidos, onde atiraram pedras contra o prédio. Os seguranças do local trancaram as portas e pegaram armas, mas não dispararam tiros, entretanto, os policiais militares atiraram nos manifestantes.

Na matéria, são descritos os danos à embaixada, como as janelas quebradas e a destruição do auditório. Segundo o artigo, 25 estudantes foram presos e a polícia não foi capaz de cooperar com os alunos. Os estudantes tentaram fazer barricadas, mas a polícia atirou, destruiu as barricadas e utilizou gás para dispersar a manifestação. No fim, é mencionado que a manifestação foi um protesto à prisão de 286 alunos, que aconteceu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no dia anterior.

Quadro 16: Artigo 16 - 10.000 Marchers in Rio Demand End of Regime – “10.000 marcham no Rio e demandam por fim do Regime”

Data	26/06/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura
Censura e Repressão	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

²⁶ As manifestações estudantis no Brasil dessa época foram influenciadas pela manifestação estudantil iniciada na França, em maio de 1968. Os estudantes das universidades de Paris e Sorbonne iniciaram protestos, demandando por reformas no sistema educacional francês. A resposta violenta do presidente De Gaulle fez com que o movimento ganhasse força e influenciasse outros países.

A notícia aborda a marcha de 10.000²⁷ estudantes, que pedia pelo fim do governo do presidente Arthur da Costa e Silva. Além de alunos, havia professores, padres, freiras, pais, artistas e alguns políticos do Congresso. Os manifestantes marcharam pela Avenida Rio Branco e gritaram “Abaixo a ditadura!” e “Poder para o povo!”. No alto dos prédios, trabalhadores de escritório estavam nas janelas e saudaram os militantes com aplausos e confetes.

Ao longo da rota, dois lugares tiveram uma reação distinta. O primeiro Citybank nacional de Nova York fechou as suas portas, quando os manifestantes se aproximaram e, além disso, no Jockey Club, o mais exclusivo da cidade, homens de cabelo branco descansavam nas varandas sem assistir à manifestação, conversando entre eles.

Na noite anterior, os militares resolveram permitir a manifestação, após um longo dia de debate. A polícia militar, que foi truculenta na última manifestação, não atuou no protesto daquele dia. Segundo o artigo, não houve sérios incidentes e quando havia tumulto na multidão, os estudantes gritavam “Calma, calma!”, tão alto quanto haviam gritado “Abaixo a ditadura!”.

Segundo a notícia, as manifestações estudantis têm sido a única ameaça séria ao governo do presidente Costa e Silva. A maioria dos observadores concorda que há poucos indícios de que o governo esteja perdendo o controle e que os militares, a única fonte sólida de poder da nação, aparenta estar apoiando fortemente o presidente.

Por fim, a matéria fala que os manifestantes estudantis possuem duas faces. A primeira clama pela reforma no sistema educacional brasileiro. Entretanto, quando as manifestações e os discursos começam, as demandas e as polêmicas se voltam contra o governo. É mencionado, além disso, que os líderes estudantis precisam operar de forma semiclandestina, já que o governo procurou acabar com todos os grupos tradicionais.

²⁷ O *New York Times* noticia o número de 10.000 manifestantes, entretanto, esse protesto ficou na história do Brasil, por ter tido a presença de 100.000 pessoas, ficando conhecido como “Passeata dos 100 mil”.

Quadro 17: Artigo 17 - Brazil's Students Kick Up a Storm – “Estudantes brasileiros aumentam a tempestade”

Data	30/06/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura
Censura e Repressão	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa matéria, é interessante perceber a presença da foto de uma estudante que foi ferida em uma manifestação no Brasil. Além disso, é mencionada que uma marcha, intitulada de “Marcha da Família contra a repressão”, aconteceu no Rio de Janeiro e contou com a presença de jovens, professores e religiosos. Dessa vez, a manifestação foi permitida pelos militares após longo debate, uma vez que o protesto da semana anterior provocou grande desordem e causou ainda mais insatisfação popular, já que houve truculência policial.

Figura 6 - Imagem de um dos protestos



United Press International
CASUALTY: A girl injured in the violent student disorders in Brazil last week is carried to an ambulance. A major student demand calls for reform of the educational system.

Fonte: FOTO PUBLICADA NA MATÉRIA DO DIA 30/06²⁸

Ao longo da matéria, é mencionado o aumento do poder executivo adotado pelos militares, a derrubada dos partidos políticos e a criação de um partido “opositor” (a expressão

²⁸ Legenda: Uma garota é ferida em desordens estudantis violentas no Brasil, na semana passada, e é carregada para uma ambulância. Uma das maiores demandas estudantis pede por reformas no sistema educacional (tradução nossa).

foi colocada entre aspas no jornal). Segundo a notícia, o mecanismo eleitoral criado fez com que o governo não precisasse temer a possibilidade de derrota. Além disso, é relatado que várias lideranças estudantis foram derrubadas, mas que algumas prosperaram na clandestinidade. Segundo o jornal, as lideranças ativistas são da esquerda socialista, e elogiam líderes como Che Guevara, Fidel Castro e Jean-Paul Sartre. Ademais, elas não possuem quaisquer interesses na propriedade privada ou nos Estados Unidos da América para as suas políticas.

Quando entrevistado, um dos líderes afirmou: “Nós não temos nada contra o povo norte-americano. Mas nós somos contra o imperialismo. E como os Estados Unidos da América são a maior nação imperialista do mundo, naturalmente o país é um alvo”.

Na matéria, é mencionado que a agitação estudantil prima por uma mudança no governo e que esse pedido é ecoado por muitos campos da sociedade brasileira, com exceção do setor de negócios e os militares. Segundo o *New York Times*, muitos observadores acreditam que a revolução está caindo.

O artigo menciona que uma das demandas dos estudantes é a reforma do sistema educacional, além disso, retrata que estatísticas mostram que o Brasil, primeiramente por falta de orçamento, é a última nação no quesito de primar pela educação do hemisfério ocidental, com exceção do Haiti. Ademais, não há indicação alguma de que o governo de Costa e Silva tenha interesse pela educação, já que o orçamento reduziu de 11%, em 1965, para 7,7%. Após o protesto, o governo anunciou, na semana passada, uma série de reformas básicas no sistema educacional brasileiro, mas que não há muito otimismo por parte dos estudantes. “Nós vamos continuar”, disse um dos alunos, “afinal de contas, nós somos a única oposição que o nosso país tem”.

Quadro 18: Artigo 18 - Ex-President of Brazil Detained 2 Hours by Police – “Ex presidente do Brasil é detido por 2 horas pela polícia”

Data	26/07/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura
Censura e Repressão	Menciona a censura

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

No artigo, é falado sobre o fato de Jânio Quadros, o último presidente eleito democraticamente no Brasil, ter sido detido por 2 horas no Porto de Santos, como resultado às recentes críticas ao governo. O político disse na última sexta-feira, em uma coletiva de imprensa, que o governo Costa e Silva não funciona. Segundo ele, o governo “tem dois caminhos a seguir: ou ele deve se tornar mais radical, instalando uma ditadura militar escancarada ou deve abrir caminho para a democracia e restituir os valores políticos e legais que destruiu”. O ex-presidente disse que não poderia mais ficar em silêncio e que planeja publicar um manifesto, demonstrando a sua crítica, assim que possível. É mencionado que há a crença de que a prisão foi uma forma de tentar adiar a publicação.

Segundo a matéria, o governo brasileiro tem adotado medidas mais rígidas contra críticas, após as recentes manifestações. De acordo com o Conselho de Segurança Nacional, as próximas manifestações estudantis seriam proibidas e as Forças Armadas não hesitariam em intervir. Além disso, o ministro da Justiça Luís da Gama afirmou que a imprensa era lamentável e pediu aos jornais que fossem “honestos, para que o governo não fosse obrigado a aplicar a Lei da Imprensa e a Lei de Segurança Nacional”, que preveem penalidades sérias para publicações prejudiciais ao governo.

Quadro 19: Artigo 19 - Tyranny in Brazil – “Tirania no Brasil”

Data	28/07/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra a ditadura
Valores	Menciona valores democráticos
Censura e Repressão	Menciona a censura

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Uma nota para o editor fala que eventos recentes no Brasil são muito perturbadores. É mencionado que o governo de Costa e Silva chegou a uma divisão de dois caminhos, sendo forçado a permitir a participação popular novamente ou estabelecer uma ditadura militar, com conhecidas consequências desastrosas.

A matéria menciona que a nova constituição foi validada a partir da posse do presidente em 1967, reduzindo o Congresso a um fantoche. Além disso, ela corta drasticamente o poder do judiciário, limita severamente o direito à liberdade de expressão das

organizações e dá aos militares uma posição peculiar e privilegiada. Segundo a matéria, o exército brasileiro trata os civis como crianças, e age como se tivesse um poder divino. Entretanto, a população tem se manifestado impaciente e demonstrado, com um crescente número, a sua oposição à ditadura velada. É mencionado que a classe média, que apoiou Castelo Branco, se virou contra o regime.

O jornalista fala que todos os Estados Unidos da América, compostos por cidadãos preocupados com a democracia no hemisfério, devem deixar clara a sua repugnância à crescente tirania no maior dos países latino-americanos. “Nosso governo deve abertamente apoiar a democracia nessa situação crítica”.

Quadro 20: Artigo 20 - Letter to Pope Says Church Harbors Pro-Communists - “Carta ao Papa diz que igreja apoia pró-comunistas”

Data	16/09/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	A favor do regime militar
Valores	Luta contra o comunismo

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Nessa nota, é falado que o presidente Arthur Costa e Silva, 1,5 milhões de católicos brasileiros e 4 ministros assinaram uma carta ao Papa Paulo VI, pedindo que ele agisse contra padres, acusados de serem a favor do comunismo. A carta defende que alguns membros do clero transformaram a igreja em uma “agitação comunista extensiva, que procura acabar com o governo, abolir as forças armadas e criar uma ditadura”.

Quadro 21: Artigo 21 - Students Rampage on Main Rio Avenue – “Manifestação estudantil na avenida principal”

Data	26/09/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Censura e Repressão	Menciona a censura

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria notícia que aproximadamente 200 estudantes, de ensino médio e universitários, participaram de uma manifestação de 10 minutos na avenida principal do Rio de Janeiro. Os manifestantes gritaram slogans antimilitares, como “Abaixo a ditadura!”, além disso, derrubaram uma van da polícia e um caminhão do governo, deixando vestígios de vidro, pedra e madeira.

Meia hora depois, três caminhões de policiais apareceram, mas os estudantes já tinham se dispersado. Segundo a matéria, alguns manifestantes têm feito manifestações relâmpagos desde que o governo proibiu quaisquer protestos em junho.

Quadro 22: Artigo 22 - The ‘Gorillas’ Are on the March – “Os Gorilas marcham”

Data	13/10/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	A favor do regime militar Contra o regime militar
Valores	Menciona valores democráticos

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

O artigo começa com a citação de um político peruano, alegando que caso os gringos estivessem realmente interessados na democracia latino-americana, estariam mais preocupados com os gorilas (expressão utilizada para descrever os ditadores militares e seus apoiadores) do que com as guerrilhas. O artigo sinaliza que para muitos democratas da América Latina, os gorilas estão em todos os lugares. Ao longo da matéria, são descritas as ditaduras militares que ocorrem em todo território latino americano. É interessante perceber que é sinalizado o fato de os golpes militares terem acontecido em função das políticas adotadas pelo presidente Kennedy e pelo presidente Johnson, tendo os Estados Unidos fornecido apoio.

Após isso, é sinalizado que os militares da América Latina se consideram diferentes dos ditadores tradicionais, acreditando que são mais treinados e educados do que os cidadãos dos seus países, sendo os melhores para assumir a tarefa de liderança. Os argumentos são de que as democracias nunca foram realmente representativas, uma vez que sempre se aproximaram das oligarquias nacionais e se distanciaram dos interesses do povo. Um dos militares bolivianos, por exemplo, sinalizou que grande parte da população era

analfabeta e que os governos democráticos da Bolívia sempre foram, na verdade, das classes dominantes.

É mencionado que os homens de negócios aprovam a ditadura argentina, enquanto no Peru, a situação já é diferente, por não ser economicamente favorável. Ao final, é sinalizado que mesmo os Estados Unidos não apoiando os governos militares, a assistência econômica norte americana na América Latina, assim como as trocas comerciais, sofreram uma redução, o que não ajuda no processo de negociação com esses países.

Quadro 23: Artigo 23 - Arrests in Brazil in political crisis put in hundreds - “Centenas de prisões acontecem no Brasil em momento de crise política”

Data	16/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Censura e Repressão	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria noticia as centenas de prisões que aconteceram no Brasil, além da censura imposta sobre as correspondências internacionais e à imprensa nacional. É noticiado que oficiais responsáveis pela censura foram escalados para todas as redações, rádios e estações de televisão. Além disso, o Jornal do Brasil suspendeu as suas publicações, em protesto à prisão do diretor José Desette Camara. O artigo também noticia as prisões de outras personalidades importantes, tais como: Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda (governador do estado de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro); Osvaldo Peralva (diretor do Correio da Manhã, um jornal conservador do Rio); Darci Ribeiro (intelectual e chefe de Gabinete do ex-presidente João Goulart); Carlos Castello Branco e Otacylio Lopes (colunistas políticos); Antonio Calado (jornalista do Jornal do Brasil); Helio Navarro (deputado federal); e Helio Fernandes (apoiador de Lacerda).

Segundo o jornal, a história do estabelecimento do AI-5 começou com uma polêmica relacionada ao deputado Márcio Moreira Alves, acusado de violar a Lei de Segurança Nacional durante o discurso em que pediu por um boicote à passeata do Dia da Independência do Brasil. Após a acusação, o Congresso votou pela imunidade do político,

mas o presidente Costa e Silva, então, ordenou recesso ao Congresso e assumiu poderes de emergência para governar sozinho.

O governo justificou as suas ações, alegando que subversivos tentaram acabar com o regime. Por fim, é sinalizado que as cidades permanecem calmas, não havendo sinal de crise. Entretanto, tanques e equipamentos pesados foram colocados nos quarteirões principais de Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e de várias capitais estaduais.

Quadro 24: Artigo 24 - Retreat in Brazil – “Retrocesso no Brasil”

Data	18/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Crítica a política adotada por Goulart Contra o regime militar
Economia	Melhora da economia após o golpe
Censura e Repressão	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria sinaliza que os militares estabeleceram uma ditadura no Brasil e o que eles fizeram pode ser chamado de golpe, mesmo que o presidente Costa e Silva, humilhado por outros militares e sem qualquer poder, permaneça presidente. Segundo o jornal, os militares tinham feito uma ação positiva ao retirar o presidente corrupto, João Goulart, do poder, mas isso não é uma justificativa para eliminar a democracia e satisfazer oficiais hipersensíveis, que clamam por monopólio e patriotismo.

Ao longo do texto, é sinalizada a melhora econômica ao longo do governo militar, havendo redução da inflação. Entretanto, o fechamento do Congresso e a suspensão da constituição são tragédias políticas que podem influenciar negativamente na recuperação econômica do Brasil. Segundo o jornal, os líderes militares se comportaram como crianças mimadas.

Quadro 25: Artigo 25 - Hopes Rise in Washington - “Esperança cresce em Washington”

Data	18/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Menciona valores democráticos
Economia	Melhora da economia após o golpe

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

O artigo noticia o fato de que há esperanças em Washington, uma vez que o departamento de estado avaliou que a situação no Brasil se acalmou. Segundo o porta-voz do departamento, Robert J. McCloskey, houve uma aparente redução no número de prisões e muitos dos presos políticos foram liberados. Entretanto, os oficiais de administração estavam insatisfeitos com a ditadura militar no Brasil.

Considerando os golpes no Peru, no Panamá e no Brasil, um dos oficiais evidenciou uma tendência antidemocrática no Brasil. É sinalizado que a ajuda econômica ao Brasil vai ser revista, mas que ainda é cedo para fazer declarações, uma vez que elas podem prejudicar a diplomacia entre os dois países. Além disso, também é relatada a melhora econômica no Brasil durante o regime militar, mas é sinalizado que não houve avanços sociais.

Quadro 26: Artigo 26 - Brazil to seize illicit holdings – “Brasil interdita propriedades ilegais”

Data	22/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
	Nenhuma das subcategorias foi encontrada

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Na matéria, é narrado que o governo estabeleceu um decreto que autorizava a interdição de quaisquer propriedades ilegais brasileiras. A notícia sinaliza que investigações estão sendo feitas sobre personalidades importantes, tais como o antigo presidente Juscelino Kubitschek e alguns dos seus amigos. Segundo a matéria, uma comissão será composta para definir quais prisões devem ser feitas. Além disso, fontes noticiaram que o governo retiraria

de 100 pessoas os seus direitos políticos, incluindo 94 deputados do partido com maioria no congresso.

Quadro 27: Artigo 27 - Brazil's Generals Put an End to the Criticism – “Generais brasileiros põe fim às críticas”

Data	22/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Menciona valores democráticos
Economia	Melhora da economia após o golpe

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria começa com uma citação do Jornal do Brasil: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. Um vento forte balança o país.” O *New York Times* sinaliza que aqueles que leem as entrelinhas, prática recorrente desde o fim do governo eleito em 1964, a mensagem era clara: “A ordem militar foi reestabelecida através de uma ditadura, com medidas como censura, legislação por decreto, prisões sem ordem judicial ou habeas corpus”.

O jornal narra a série de decretos imposta pelo presidente Arthur Costa e Silva desde a última sexta-feira. Além disso, aborda a trajetória do político, que foi “eleito” (a palavra foi utilizada entre aspas), sem oposição alguma e que agora possui poderes ilimitados. Entre as suas ações, estão: suspensão da constituição; acabar com o Congresso Nacional ou leis estaduais; substituir governadores e prefeitos; impor a censura; e fazer prisões por “crimes de segurança nacional” ou “crimes contra a economia popular”, sem o apelo da sociedade civil.

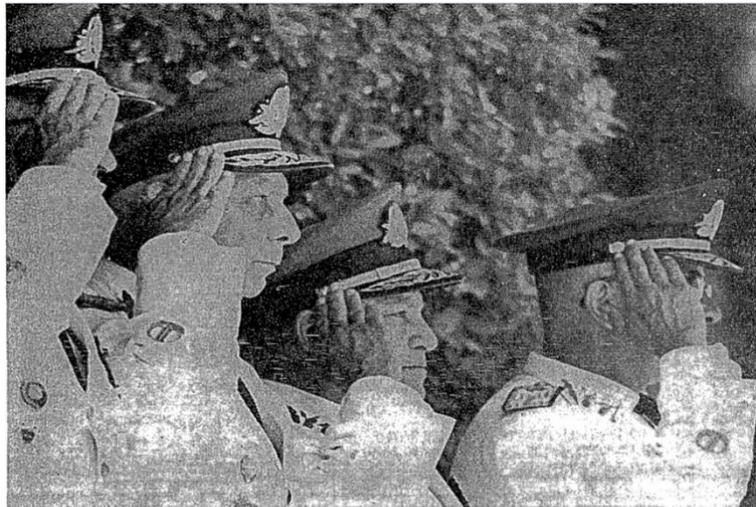
A matéria narra a prisão de centenas de políticos, jornalistas, artistas e outros opositores às novas medidas. Além disso, aborda a censura e a alocação de militares nas redações dos jornais, nas estações de televisão e nos escritórios que enviam telegramas internacionais. Ademais, é sinalizado que foi proibido mencionar as prisões, criticar os militares ou dizer que a censura foi estabelecida.

Segundo o *New York Times*, as estações de rádio passaram, então, a transmitir apenas música e notícias relacionadas a esporte, enquanto os jornais imprimiram fotos de

animais no lugar de editoriais. Repórteres internacionais tiveram que utilizar mensagens para outros países para enviar os seus materiais. Segundo o jornal, a censura completa foi estabelecida por uma semana e que depois dela, os militares foram deslocados dos escritórios, mas que houve um comprometimento, por parte da imprensa, em estabelecer uma autocensura.

É narrado que após o golpe do Castelo Branco, o plano da “revolução” (a palavra foi utilizada entre aspas) era de gradualmente retomar a participação civil na política e estabelecer um governo democrático. Entretanto, os militares foram criticados e as forças armadas, então, se cansaram dessas críticas quando ocorreu o episódio do deputado Marcio Moreira Alves, já relatado anteriormente.

Figura 7 - Militares brasileiros



United Press International
CLAMPDOWN: Events in Brazil last week made it clear that the armed-forces backed regime of President Arthur Costa e Silva had re-established military rule. Above are four of Brazil's strongest military leaders. From left: Gen. Jurandyr Bizzaia Mamede, Gen. Aurelia Lira Tavares, the War Minister; Gen. Sizenio Sarmeto and Gen. Orlando Geysel, Army Chief of Staff.

Fonte: FOTO PUBLICADA NA MATÉRIA de 22/12/1968²⁹

²⁹ Legenda: Acontecimentos no Brasil na última semana deixaram claro que as forças armadas reestabeleceram as regras militares. Acima, estão os mais poderosos líderes militares. Da esquerda para a direita: Gen. Jurandyr Bizzaia Mamede; Gen. Aurelia Lira Tavares, o ministra de guerra; Gen. Sizenio Sarmeto; e Gen. Orlando Geysel, chefe do Exército (tradução nossa).

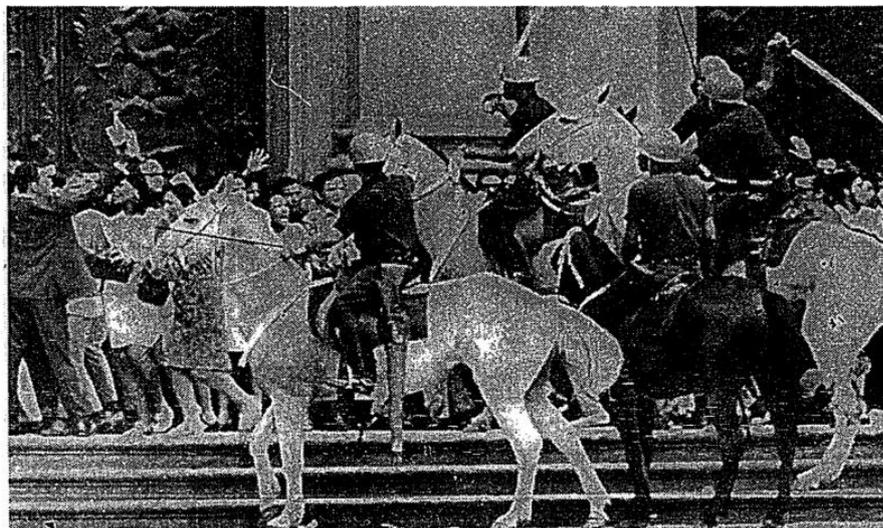
Quadro 28: Artigo 28 - The Latin Military: A Dilemma for Washington – “O militarismo latino: um dilema para Washington”

Data	22/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Luta contra o comunismo Menciona valores democráticos
Economia	Melhora da economia após o golpe

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria aborda os regimes militares nos países Peru, Panamá e Brasil, sendo que a situação na América Latina diminuiu a confiança dos Estados Unidos, que afirmaram, no verão anterior, que aquele era o primeiro ano em 25 no qual não havia acontecido nenhum golpe no continente. Nessa perspectiva, o *New York Times* questiona se os Estados Unidos deveriam continuar treinando oficiais latino-americanos, uma vez que essa capacitação os ajuda a estabelecer golpes militares.

Figura 8: Cavalaria brasileira



Associated Press
Brazilian cavalrymen attacking students outside a church last April after a mass had been said for another student killed in a clash with the police. The military in Latin America regard themselves as guardians of their nations.

Fonte: FOTO PUBLICADA NA MATÉRIA DE 22/12/1968³⁰

³⁰ Legenda: Cavalaria brasileira ataca estudantes do lado de fora de uma igreja em Abril depois de uma missa celebrada para um estudante morto em um confronto com a polícia. Os militares da América Latina se veem como guardiões de suas nações (tradução nossa).

O artigo sinaliza que a grande questão é como o presidente Nixon deve tratar essas questões da América Latina. As opções são: Discursar para 200 milhões de latinos sobre democracia e enfurecê-los ou escolher abordagens mais leves. Além disso, é mencionado o número de militares treinados pela potência estadunidense, sendo que 21.000 militares foram capacitados em escolas militares nos Estados Unidos e 25.000, no Panamá. Entretanto, os oficiais afirmam que o objetivo não era o de estabelecer uma dominação norte-americana sobre a América Latina, conforme acusações, mas de ajudá-los a se defender de subversivos, sendo que essa política começou ao final da Segunda Guerra Mundial.

Quadro 29: Artigo 29 - In Latin America, Militarism Remains Order of the Day – “Na América Latina, o militarismo permanece como rotina”

Data	26/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Luta contra o comunismo Menciona valores democráticos

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

O artigo aborda os regimes militares na América Latina, com foco no Brasil. Ao longo da matéria, é abordada a falta de prestígio dos militares, a presença de muitas críticas por parte da sociedade civil, e sinaliza como isso influenciou na ampliação de seus poderes. Ao longo do texto, o incidente no Congresso com o deputado Marcio Moreira Alves foi novamente relatado.

Além disso, é mencionada a quantidade de ditaduras presentes na América Latina. Esse número é contrastado com o poderio dos militares, porque é relatado que as forças armadas do continente não têm poderio significativo, sendo que o Brasil tem o maior poder de todos. É narrada, também, a visão que a sociedade civil tem em relação aos militares no continente, sendo eles muito prestigiados e respeitados. Nessa perspectiva, é sinalizado que a população apoiou o golpe militar no Peru e que a maior parte da Argentina aceita a ditadura militar.

Quadro 30: Artigo 30 - Where the Politics Are Festive, but the Reality is Grim – “Onde a política é festiva, mas a realidade é cinza”

Data	29/12/1968
Categorias encontradas	Subcategorias encontradas
Política	Contra o regime militar
Valores	Luta contra o comunismo Menciona valores democráticos
Economia	Melhora da economia após o golpe
Censura e Repressão	Menciona a censura Menciona a violência militar

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

A matéria narra um protesto em Copacabana de 50 pessoas, que pedia por “Poder para o povo” e “Abaixo a ditadura”. Segundo o artigo, os cartazes pediam pela liberdade de imprensa e o fim do AI-5. Após 15 minutos, a demonstração foi finalizada, para evitar que os militares a repreendessem. Os estudantes se dispersaram, mas deixaram os cartazes na areia da praia, sendo que algum tempo depois, a polícia os retirou.

Ao longo da matéria, são mais uma vez noticiadas as prisões de políticos e jornalistas, além da censura à imprensa. É sinalizado que a mídia não reportou nada além de notícias relacionadas a futebol, festivais musicais e histórias de Natal, não havendo qualquer menção às prisões e à censura. Além disso, não houve qualquer reação por parte da população, já que ninguém sabia o que estaria acontecendo. Por fim, é mencionado que há uma ausência de oposição, já que grande parte dela é composta por uma “Esquerda Festiva”, composta por pessoas mais abastadas, que faz músicas de protestos e grandes discussões sobre livros de Sartre e Marcuse que ninguém lê.

5.5.1 Resultados da Análise de Conteúdo de 1968

Já na primeira matéria de 1968, é possível perceber uma mudança de tom no jornal, havendo críticas às políticas de Costa e Silva, sendo mencionadas as suas medidas relacionadas a salários mínimos e a posição da educação dentro do governo. Entretanto, também é sinalizado o apoio econômico. A primeira matéria de 1968 talvez seja a mais

positiva em relação ao governo ditatorial brasileiro, já que ao longo das próximas, são abordadas as várias manifestações que aconteceram no decorrer do ano.

É possível perceber, através da narrativa sobre esses protestos, que havia uma insatisfação popular em relação ao regime militar. Nesse sentido, são elencadas as demandas dos militantes, além de ser mencionada a violência militar durante essas manifestações. Em 1968, também é noticiada uma série de prisões no jornal, deixando clara a repressão militar.

Além disso, há uma preocupação evidente com as ditaduras na América Latina, em especial após o golpe do Peru e do Panamá. Nesse contexto, é questionada a atuação dos Estados Unidos nessas ditaduras, sendo evidenciado o treinamento recebido pelos militares pela potência norte-americana e questionado como isso pode ter influenciado nos golpes militares.

É possível perceber que o resultado de 1968 foi bem distinto de 1964, conforme sinaliza a tabela abaixo.

Tabela 3: Resultados da Análise de Conteúdo de 1968

Categoria	Subcategoria	Ocorre?
Política	Elogio à política adotada por Goulart	0 (0%)
	Contra a política adotada por Goulart	2 (11%)
	A favor do regime militar	2 (11%)
	Contra o regime militar	14 (77%)
Valores	Luta contra o comunismo	4 (22%)
	Aparece o valor liberdade	0 (0%)
	Menciona valores democráticos	7 (38%)
Economia	Melhora econômica durante o governo Goulart	0 (0%)
	Piora econômica durante o governo Goulart	1 (5%)
	Melhora da economia após o golpe	6 (33%)
	Piora da economia após o golpe	0 (0%)
Censura	Menciona a censura	8 (44%)
	Menciona a violência militar	6 (33%)

Fonte: ELABORADO PELA PRÓPRIA AUTORA

Em 1964, a temática que mais apareceu foi relacionada à luta contra o comunismo, com 10 ocorrências, sendo que em 1968, o tema apareceu apenas 4 vezes. Nesse ano, é visível que o tema que mais teve correspondências foi referente à subcategoria “Contra

o regime militar”. Nessa perspectiva, é possível perceber uma mudança de narrativa, já que em 1964, os assuntos relacionados à crítica ao regime militar só apareceram 2 vezes.

Outro aspecto importante de ser notado é a presença de matérias relacionadas à censura e à violência militar, sendo noticiadas prisões e censura à imprensa. Além disso, há um índice alto de temáticas relacionadas à democracia, uma vez que o regime militar a põe em choque, havendo esse reconhecimento nas matérias.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a leitura flutuante da análise de conteúdo, um dos processos propostos por Bardin (2001), a hipótese dessa pesquisa era a de que o *New York Times* teria uma narrativa similar à adotada pelo governo norte-americano e brasileiro. Nesse sentido, esperava-se que o jornal se deixaria influenciar pela polarização do mundo, que se dividia entre o comunismo e capitalismo. Dessa forma, diante do medo do comunismo, que ameaçava a América Latina, com a Revolução Cubana, a hipótese inicial era a de que o jornal se posicionaria favoravelmente ao regime militar, acreditando que tal medida seria a mais positiva para o Brasil, crença compartilhada pelo governo estadunidense, que, inclusive, apoiou logisticamente os golpes militares na América Latina.

De fato, nas primeiras matérias analisadas, houve, por parte do jornal, uma defesa ao golpe, sendo descrito o seu caráter constitucional e necessário. Além disso, foram elencadas as medidas negativas adotadas por Jango, o que justificaria a tomada do poder pelos militares. Nessas matérias, eram criticadas as reformas de base propostas por João Goulart, que se aproximavam da esquerda, além de ser sinalizada a piora econômica durante o governo do político.

É interessante perceber, entretanto, que as denúncias à censura e à repressão militar se iniciaram logo no início do regime militar, ainda em abril de 1964. Nesse mês, o *New York Times* publicou matérias que questionavam a presença dos militares nas redações dos jornais, além das medidas de fiscalização adotadas para as correspondências que se destinavam ao exterior. Além disso, o NYT também denunciou a quantidade exacerbada de prisões realizadas, cerca de 7000, alegando que os presos políticos não se tratavam, apenas, de comunistas, mas também de políticos de esquerda, essenciais para o processo democrático brasileiro. Segundo o jornal, era esperado que fosse realizada uma limpa, mas não da forma que ocorreu.

A existência de matérias como essa, logo no início da ditadura militar brasileira, foi uma surpresa, porque se esperava que esse período seria marcado por matérias de tom positivo em relação aos militares. Entretanto, tais publicações demonstraram que o jornal não estava de acordo, necessariamente, com as narrativas adotadas pelo governo brasileiro e norte-americano. Pelo contrário, havia matérias que denunciavam o que não era noticiado nos

jornais brasileiros, já que eles, como demonstrado nessa monografia, concordavam com o golpe ou eram silenciados por ele.

Nesse sentido, as narrativas do NYT também são importantes para preencher uma lacuna na história do Brasil, já que o período entre 1964 e 1968 é visto, por muitos, como uma ditadura branda, quase que democrática. Entretanto, as publicações do jornal demonstram que essa crença não é verdadeira, já que a repressão se iniciou ainda em abril, mês de instituição do golpe militar.

A hipótese se demonstrou ainda mais equivocada, ao analisar as matérias de 1968. Inicialmente, esperava-se que as denúncias à repressão começassem, apenas, em dezembro, mês de instituição do AI-5 e, conseqüentemente, o momento em que a repressão ditatorial se torna mais evidente. Entretanto, ao longo do ano, o jornal noticiou a insatisfação popular, as diversas manifestações estudantis, influenciadas pela onda francesa, além da repressão militar a esses protestos. Dessa forma, as matérias de 1968 se tornam ainda mais críticas em relação ao regime militar.

É importante salientar que mesmo a pesquisa tendo tido achados importantes, as análises se restringiram às matérias encontradas a partir dos termos chave *Brazil* e *Dictatorship*. Entretanto, outros termos também poderiam mostrar novos resultados, contribuindo para um *corpus* de análise mais completo. Isso pode ser afirmado, uma vez que há uma restrição de achados, com base nas palavras chave, sendo possível encontrar outros resultados a partir de novas buscas e de novos termos. Mesmo com tal problemática, adotamos a busca somente por tais palavras chave, por conta do rigor metodológico e do caráter de pesquisa, de monografia. Nesse sentido, adotar uma amostragem mais ampla poderia comprometer a análise, diante do pouco tempo de estudo.

Essa problemática, no entanto, poderá ser trabalhada na continuidade dessa pesquisa, realizada, dessa vez, durante o mestrado. Para a dissertação, será analisada a cobertura, realizada pelo *New York Times*, sobre o período de redemocratização brasileiro. Em uma nova pesquisa, será possível trabalhar novos mecanismos de análise, de forma que o estudo seja o mais completo possível.

REFERÊNCIAS

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia**. São Paulo, 2002.

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória?”**. Disponível em: <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>. Acesso em: 28 de Março de 2017.

BOORSTIN, Daniel (1972). **'From News-gathering to News-Making: A Flood of Pseudo-events'**, in Wilbur Schramm and Donald Roberts, (eds), *The Process and Effects of Mass Communication*. Urbana: University of Illinois Press.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. Universidade da Beira Interior, 2006.

DW.com. **1851: Lançado o jornal New York Times**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/1851-lan%C3%A7ado-o-jornal-new-york-times/a-955322>. Acesso em: 19 de Julho de 2017

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro, 2014.

FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da pirâmide (para uma teoria marxista do jornalismo)**. Florianópolis, 1987.

GOULART, Ana Paula. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 31, 2003,.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, 1990. Editora Revista dos tribunais. Tradução Laurent Lépn Acchaffter.

HORTA, João. **Depoimento de João Horta**. Juiz de Fora, Comissão Municipal da Verdade, 2014.

GULLAR, Ferreira. **Antes do Golpe**. São Paulo. Companhia das Letas, 2014.

LEE, J. M. **History of American Journalism**. Boston: Houghton Mifflin, 1917.

LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. **Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2002.

OCHS, A. **Without Fear or Favor**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1996/08/19/opinion/without-fear-or-favor.html>. Acesso em: 19 de Julho de 2017

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade** (entrevista). Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2419-1.pdf>. Acesso em: 16 de Julho de 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/557/324>. Acesso em: 16 de Julho de 2017.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992.

Portal Memórias da Ditadura. **Repressão**. Disponível em: <http://memoriasdeditadura.org.br/repressao/index.html>. Acesso em: 07 de Setembro de 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicação da UFRJ, setembro de 2000.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHUDSON, Michael. 2016. **The objectivity norm in American journalism**. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/146488490100200201>. Acesso em: 16 de Novembro de 2017.

SILVA, Juremir. **1964: Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. 2008. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**.

SVARTMAN, Eduardo. **Negociando a dependência: relações militares Brasil-Estados Unidos no início da Guerra Fria**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/127858/000967629.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 de Setembro de 2017.

The New York Times. **Pulitzer Prizes**. Disponível em: <http://www.nytc.com/pulitzer-prizes/>. Acesso em: 19 de Julho de 2017

The New York Times. **Anti-Red Law Asked by Military in Brazil**. <http://www.nytimes.com/1964/04/08/antired-law-asked-by-military-in-brazil.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **As revolt in Brazil focuses attention on Latin America**. <http://www.nytimes.com/1964/04/05/as-revolt-in-brazil-focuses-attention-on-latin-america.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017.

The New York Times. **Brazil rally seeks to oppose Goulart.** <http://www.nytimes.com/1964/03/20/brazil-rally-seeks-to-oppose-goulart.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **News analysis.** <http://www.nytimes.com/1964/07/20/news-analysis.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **Thousands held in Brazil's drive to root out reds.** <http://www.nytimes.com/1964/04/06/thousands-held-in-brazils-drive-to-root-out-reds.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **Executive lauds revolt in Brazil.** <https://www.nytimes.com/1964/04/07/executive-lauds-revolt-in-brazil.html>.. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **Censorship disturbs U.S.** <https://www.nytimes.com/1964/04/09/censorship-disturbs-us.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017

The New York Times. **Gen. Castelo Branco Named Brazil Chief.** <http://www.nytimes.com/1964/04/12/gen-castelo-branco-named-brazil-chief.html>. Acesso em: 5 de Julho de 2017.

The New York Times. **The Brazilian crackdown.** <http://www.nytimes.com/1964/04/12/the-brazilian-crackdown.html>. Acesso em: 6 de Julho de 2017.

The New York Times. **The World.** <http://www.nytimes.com/1964/04/12/the-world.html>. Acesso em: 6 de Julho de 2017.

The New York Times. **Rate of inflation slows in Brazil.** <http://www.nytimes.com/1964/09/30/rate-of-inflation-slows-in-brazil.html>. Acesso em: 27 de Julho de 2017.

The New York Times. **Brazil plays a key role.** <http://www.nytimes.com/1964/04/19/brazil-plays-a-key-role.html>. Acesso em: 27 de Julho de 2017.

The New York Times. **Brazil Leader Hails Gains of a Year in Office.** <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9F07EFD91530EF34BC4E52DFB5668383679EDE&legacy=true>. Acesso em: 03 de Agosto de 2017.

The New York Times. **São Paulo Governor Injured in AntiGovernment Outbreak.** <https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9802E5D71530EF34BC4A53DFB3668383679EDE>. Acesso em: 03 de Agosto de 2017.

The New York Times. **3 Killed in Brazil Student Rioting.** <https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E07E2D9173DE134BC4A51DFB0668383679EDE>. Acesso em: 03 de Agosto de 2017.

The New York Times. **10.000 Marchers in Rio Demand End of Regime; Teachers, Priests and Nuns Back Student Protest Amid Confetti and Applause.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E07E2D9173DE134BC4A51DFB0668383679EDE>. Acesso em: 03 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Brazil's Students Kick Up a Storm.**
<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9403E4DE1230EF34BC4850DFB0668383679EDE&legacy=true>. Acesso em: 03 de Agosto de 2017

The New York Times. **Ex-President of Brazil Detained 2 Hours by Police.**
<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9501E5D91330EE3BBC4E51DFB1668383679EDE&legacy=true>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Tyranny in Brazil.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=950DEED7153AEF3BBC4051DFB1668383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Letter to Pope Says Church Harbor Pro-Communists.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9F04EFDF1030EE3BBC4D52DFBF668383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Students Rampage on Main Rio Avenue.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9C0DE5DC1E31E034BC4E51DFBF668383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Latin America: "The Gorillas" On March.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E04EFDC1F3FE132A05750C1A9669D946991D6CF>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Arrests by Brazil in political crisis put in hundreds.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9403E1D81730E034BC4E52DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Dictatorship in Brazil: President Appears to Lose control to Radical Officers.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9401E0D71730E034BC4F52DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Retreat in Brazil.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9902E6DA1230E034BC4052DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Hopes Rise in Washington.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9C03EEDB1230E034BC4052DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Brazil to seize illicit holdings.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E03E6DF1430E034BC4152DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Brazil's Generals Put an End to the Criticism.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E05E1DF1339E33AA15751C2A9649D946991D6CF>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **The Latin Military – A Dilemma for Washington.**
<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E04E1DF1339E33AA15751C2A9649D946991D6CF&legacy=true>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **In Latin America, Militarism Remains Order of the day.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9401EEDB1430E034BC4E51DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

The New York Times. **Brazil: Where the Politics Are Festive, but the reality is Grim.**
<https://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E00E2D8123BE73ABC4151DFB4678383679EDE>. Acesso em: 04 de Agosto de 2017.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Vega, 1993.

YAZBECK, Ivanir. **Depoimento de Ivanir Yazbeck. Juiz de Fora**, Comissão Municipal da Verdade, 2014.

ZAGNI, Rodrigo. **“Imagens projetadas do Império”** – O Cinema Hollywoodiano e a Construção de uma Identidade Americana para a Política da Boa Vizinhança. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82311/85282>. Acesso em: 07 de Setembro de 2017.